

Kelly Vieira Meira

**A REPRESENTAÇÃO HOMOSSEXUAL IMPLICADA NA AÇÃO  
DOS INDIVÍDUOS TRANSEXUAIS:  
UMA INTERPRETAÇÃO DO FENÔMENO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de graduação em  
Ciências Sociais da Universidade  
Federal de Santa Catarina como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharela em Ciências Sociais.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Elizabeth  
Farias da Silva

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da  
UFSC.

Meira, Kelly Vieira A representação homossexual  
implicada na ação dos indivíduos transexuais : uma  
interpretação do fenômeno / Kelly Vieira Meira ;  
orientadora, Elizabeth Farias da Silva, 2018.  
99 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências  
Sociais, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Homossexualidade. 3.  
Corpo. 4. Transexualidade. 5. Percepção de si. I.  
Silva, Elizabeth Farias da . II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências  
Sociais. III. Título.

Kelly Vieira Meira

**A REPRESENTAÇÃO HOMOSSEXUAL IMPLICADA NA AÇÃO  
DOS INDIVÍDUOS TRANSEXUAIS:  
UMA INTERPRETAÇÃO DO FENÔMENO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharelado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais/UFSC.

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Tiago Daher Padovezi Borges  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Farias da Silva (orientadora)  
Departamento de Sociologia e Ciência Política, UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Soledad Etcheverry Orchard  
Departamento de Sociologia e Ciência Política, UFSC

---

Doutoranda Juceli Aparecida da Silva  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, UFSC

---

Dr.<sup>a</sup> Monica Soares Siqueira

“Ninguém jamais soube algo claro, nem jamais o saberá. Do que eu digo, tanto dos deuses como do universo, Pois, mesmo que fosse bem-sucedido e dissesse o mais perfeito Ele mesmo não o saberia, contudo; pois a tudo se cola a opinião.” (PRÉ-SOCRÁTICOS, 1996. p.78).

“Somos seres infantis, neuróticos, delirantes e também racionais. Tudo isso constitui o estofo propriamente humano.” (MORIN, 2002, p.59).

“A ação *real* sucede, na maioria dos casos, em surda semiconsciência ou inconsciência do seu “sentido visado”. O agente mais o “sente” de forma indeterminada, do que o sabe ou tem “clara ideia” dele; na maioria dos casos, age instintivamente ou habitualmente. Apenas ocasionalmente e, no caso de ações análogas em massa, muitas vezes só em poucos indivíduos, eleva-se à consciência um sentido (seja racional, seja irracional) da ação.” (WEBER, 2015. p.13).

## AGRADECIMENTOS

Em 2013 prestei vestibular para o curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, mesmo ano em que obtive vitória judicial para corrigir meu prenome em documentos oficiais (identidade, passaporte, certidão de nascimento...). No ano seguinte, muitas mudanças ocorreram na minha trajetória, a partir dessa legitimação da identidade e do ingresso no curso para graduação. Passei a ser uma cidadã plena e não mais “doente” ou “diferente/destoante”, seja pelo compromisso com a formação acadêmica, seja por ter finalmente transposto as barreiras que legitimam minha identidade. Meu primeiro dia na universidade foi vivenciado com tanta expectativa prévia que houve necessidade de uma grande amiga me acompanhar e, praticamente, me levar pelas mãos. Agradeço assim a Sayonara Graczyk por todo e constante apoio e pela disponibilidade para me guiar naquele momento, compreendendo minhas limitações e me fazendo dimensionar corretamente meus temores e inseguranças. Passaram-se cinco anos de produtivo crescimento, de obtenção de conhecimento, de aguçamento da curiosidade, de maior criticidade, de instrumentalização dos meus *insights*, de ampliação da libertação do próprio umbigo para observações mais amplas sobre as relações sociais, comunitárias, associativas... individuais, coletivas, políticas. Conduzida pela maestria e conhecimento de profissionais que sempre estarão na minha memória, tive acesso aos saberes antropológicos, sociológicos e políticos que, se não determinam, influenciam e indicam as possibilidades de leituras de mundo e da humanidade. Beth, Marisol, Ary Minella, Jean Castro, Viviane Vedana, Carlos Eduardo Sell, Franciele Petry - para citar alguns desses profissionais que marcaram minha graduação acadêmica - souberam me guiar pelas vias do questionamento, martelaram meus deuses do cotidiano e apontaram maior sentido aos meus incômodos, aperfeiçoando assim minha capacidade analítica para com o social. Foram anos maravilhosos na companhia de pessoas que para além do conhecimento, me propiciaram um *upgrade* nas relações humanas, na interação cotidiana, na jornada diária do aprender e apreender.

Quero agradecer também às referências amigas que nasceram pela simplicidade do olhar, da sincronia, da identificação: Ana Cláudia Pinheiro e Raquel Michel dos Santos. Ambas foram sublimes nas trocas e marcaram-me de um jeito que jamais esquecerei. Obrigada pela acolhida, “*queridas meninas super mal-educadas*”.

Indispensável e não podendo deixar de registrar aqui o agradecimento aos meus pais a quem devo cada segundo desta jornada,

pois também supriram esta minha fome de saber com seus parcos recursos. Minha mãe, Sirlei Marcos Vieira Meira, sempre atenta, solidária e disposta para nossas discussões durante os almoços de domingo, cujos ecos se estendiam pela semana, possibilitando releituras na percepção e compreensão dos nossos distintos mundos. Minhas irmãs - cada uma guiada por diferentes sonhos - que souberam escutar muitos dos devaneios de uma irmã senhora que refletia a criança apaixonada pelo que aprendia. Agradeço aos meus amigos que nos encontros dessa caminhada política compartilharam comigo sonhos por vindouras mudanças e sempre permaneceram ao meu lado: Patrícia Alves, Juliano Martins, Mônica Siqueira, Vera Menezes, Lilia Rossi e Luana de Jesus. A Vera devo agradecer de forma destacada pois, apesar das fronteiras geográficas, me ensinou cuidadosamente várias das questões entre a física e a metafísica. Algo do não mensurado, mas que é palpável, espécie de relação entre o desejo de ser e o querer ser; mulher inspiradora que sempre me motivou a caminhar na busca pelo dizer sincero e simples, o que ela mais considera de real e genuíno (é simples assim.). Ela é o símbolo de força e inspiração para a superação dos meus limites. Obrigada, Vera!

Quero agradecer destacadamente a duas pessoas essenciais nesta minha trajetória acadêmica: minha orientadora, Elizabeth Farias da Silva, e, praticamente, minha co-orientadora - mesmo que eu não tenha feito o pedido formal - professora Maria Soledad Etcheverry Orchard, Marisol. Duas mulheres de garra e fibra que foram pilares na minha formação. Asseguraram-me que é pela assertividade que são feitas as questões sociológicas; apostaram na minha curiosidade e me deram liberdade para partir em busca de algo que espero haver conseguido através deste estudo.

Agradeço imensamente aos pensadores, teorias e raciocínios aos que fui apresentada: não seria a pessoa que sou se não tivesse praticado o *ensaio da cegueira*; visto o *obscuro de nós mesmos*; *interpretado os sonhos dos estopins* da vida; visualizado o *espírito do capitalismo*; feito relações entre a *sociedade e a economia*; entendido o estranhamento que a antropologia nos fornece; ruminado os modelos de democracia que a ciência política espinha; e, tampouco, criado um imaginário sociológico. A todos os autores e autoras que atravessaram e atravessam meu caminho cotidianamente, minha gratidão!

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso procurou *compreender a ação social* de transexuais identificados no seio de um fenômeno promotor de alteração sexual (físico-químico), trata-se de investigar o *sentido* que os agentes atribuem a essa experiência, diante da expectativa tecida pelo laço social, como “encaixe” do *corpo*. Este trabalho configura-se teórico e empírico, assim em relação ao desafio teórico parte-se de uma investigação da literatura especializada no intuito de encontrar pistas sobre reflexões que apontem para a orientação da transexualidade, com destaque para os argumentos de uma suposta identificação anti-homossexual; e, como apoio empírico para esta pesquisa, conta-se com entrevistas realizadas com transexuais e análises de narrativas midiáticas. Através das entrevistas procura-se refletir sobre quais são os fatores valorativos, tradicionais e/ou afetivos, que mobiliza o agente da queixa a negar a possibilidade (para si) da condição do corpo homossexual, transformando-se em reivindicação de políticas públicas como forma de conserto via redesignação sexual. Para interrogarmos o que mobiliza subjetivamente a ação social dos agentes, procurou-se estabelecer relação com os significantes construídos socialmente sobre a homossexualidade, como hipótese causal que norteia a ação do agente pela representação da/do transexual. A partir dos fatos analisados, pode-se perceber que o fenômeno carece ser melhor compreendido, pois, o sentido tem capturado adesões de agentes cada vez mais jovens e que podem estar enviesados por uma percepção subjetiva legitimada pela valoração dos sexos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homossexualidade. Corpo. Transexualidade. Percepção de si.



## ABSTRACT

This present paper has tried to *understand the social action* of transsexuals identified within a phenomenon that promotes sexual (physical-chemical) alteration, a matter of investigating the meaning that participant agents give to this experience in relation to the expectation settled by a social bond, such as the "fitting" of the body. This paper is both theoretical and empirical; it investigates the specialized literature in order to find clues about the orientation of transsexuality, specially the arguments of a supposed anti-homosexual; and, as empirical support for this research, it also includes interviews with transsexuals and analytics of media narratives. Through these interviews, it has sought to reflect on which valuing factors, traditional and / or affective, mobilize the agent to deny (for himself) the condition of their homosexual body, translating itself into a claim of public policies for sexual reassignment. To question what subjectively mobilizes the agents' social action, this paper also sought to establish a relationship with the socially constructed homosexual signifiers, as a causal hypothesis that guides the agent's actions as a transsexual. By analyzing these arguments, it is possible to come to the conclusion that such phenomena need to be better understood since there are adhesions of increasingly younger agents that may be biased by a subjective perception legitimated by the valuation of sexes.

**KEY WORDS:** Homosexuality. Body. Transsexuality. Self-perception.



## RÉSUMÉ

Le présent travail a bien sûr pour but de comprendre l'action sociale des transsexuels identifiés au sein d'un phénomène qui favorise l'altération sexuelle (physico-chimique). Il s'agit d'enquêter sur le sens que les agents attribuent à cette expérience, face à lien social, comme un "ajustement" du corps. Ce travail est théorique et empirique. Par conséquent, en ce qui concerne au défi théorique, il est fondé sur l'étude de la littérature spécialisée afin de trouver des indices sur des réflexions qui indiquent l'orientation de la transsexualité, en particulier les arguments d'un prétendu anti-homosexuel; et, comme support empirique à cette recherche, des entretiens avec des transsexuels et analyses de récits médiatiques sont disponibles. Par l'analyse des entretiens, on cherche à déterminer quels sont les facteurs d'évaluation, traditionnels et/ou affectifs, qui permettent à l'agent de la plainte de nier la possibilité (pour lui-même) de la condition du corps homosexuel, se transformant en une revendication par réaffectation sexuelle. En demandant ce qui mobilise subjectivement l'action sociale des agents, nous avons cherché à établir une relation avec les signifiants socialement construits sur l'homosexualité, en tant qu'hypothèse causale guidant l'action de l'agent à travers la représentation du transsexuel. Les faits analysés montrent que le phénomène doit être mieux compris, car le sens a capturé les adhérences des agents de plus en plus jeunes susceptibles d'être biaisés par une perception subjective légitimée par la valorisation des sexes.

**MOTS CLÉS:** Homosexualité. Corps. Transsexualité. Perception de soi.



## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | 15 |
| 1.1 OBJETIVO GERAL .....   | 21 |
| 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....  | 22 |
| 1.3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....   | 22 |
| <b>2 HERMAFRODITUS E TIRÉSIAS – DO HUMANO SEXUAL À HOMOSSEXUALIDADE, A NEGAÇÃO HOMOSSEXUAL À TRANSEXUALIDADE</b> .....                   | 25 |
| <b>3 A QUESTÃO DE HERA A TIRÉSIAS: _ DOS SEXOS QUEM GOZA MAIS, O HOMEM OU A MULHER?! O MOVIMENTO IDENTITÁRIO DA TRANSEXUALIDADE.....</b> | 43 |
| <b>4 A INVERSÃO DO CASTIGO-AS CERTEZAS DA PERCEPÇÃO</b><br>.....   | 63 |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES.....</b>  | 79 |
| <b>GLOSSÁRIO .....</b>   | 81 |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | 85 |
| <b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>   | 97 |
| <b>APÊNDICE B - PROJETO NO FENÔMENO TRANSEXUAL O QUE (SE) FAZ (COM) O CORPO NO TECIDO SOCIAL.....</b>                                    | 99 |



## 1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, debruça-se sobre a consideração de que a transexualidade, como na contemporaneidade a conhecemos, é um fenômeno<sup>1</sup> político identitário em conflito, motivado por uma ação social<sup>2</sup> histórica, visando, em contraponto com a homossexualidade, uma via explicativa solidificada sob um estrato patológico<sup>3</sup>. A homossexualidade é uma expressão humana que

---

<sup>1</sup> Em o ‘Ser e Tempo’ Martin Heidegger (1986) define a expressão fenômeno como algo que pode ser visto, percebido como aquilo que se faz ver. Para esta pesquisa estamos orientados pela óptica de Heidegger, considerando algo que se mostra para mais de um, não se tratando somente do ente do pensamento, mas operando sobre o corpo dos indivíduos. Para esclarecer o leitor do norte seguido, transcrevemos aqui trechos das páginas 58-59 da sessão onde o autor esclarece a origem e o sentido daquilo que veio a ser produto do pensamento filosófico: “A expressão grega, a que remonta o termo ‘fenômeno’, significa: mostrar-se e, por isso, diz o que se mostra, o que se revela. Já em si mesmo, porém, é a forma média de trazer para a luz do dia, pôr no claro, a claridade, isto é, o elemento, o meio, em que alguma coisa pode vir a se revelar e a se tornar visível em si mesma. Deve-se manter, portanto, como significado da expressão ‘fenômeno’ o que se revela, o que se mostra em si mesmo. [...] Há até a possibilidade de o ente mostrar-se como aquilo que, em si mesmo, ele não é. Neste modo de mostrar-se, o ente ‘se faz ver assim como[...] Chamamos de aparecer, parecer e aparência (Scheinen) a esse modo de mostrar-se. Em grego, a expressão, ‘fenômeno’, possui também o significado do que ‘se faz ver assim como’, da ‘aparência’, do que ‘parece e aparece’; designa um bem, que se deixa e faz ver como se fosse um bem, mas que ‘na realidade’ não é assim como se dá e apresenta. A compreensão posterior de fenômeno depende de uma visão de como ambos os significados de fenômeno (fenômeno como o que se mostra, e fenômeno como aparecer, parecer e aparência) se interrelacionam em sua estrutura.”

<sup>2</sup> Segundo Max Weber (2015, p.13-15) o conceito de ação social refere-se a orientação pautada no tempo histórico, passado, presente ou, projetivamente, um futuro esperado, direcionada pelo comportamento de outros; estes ‘outros’ podendo ser indivíduos, conhecidos e/ou uma multiplicidade indeterminada que orienta o comportamento interno do indivíduo. A ação social pode ser determinada de modo racional referente a fins; de modo racional referente a valores; de modo afetivo e/ou de modo tradicional - como é o caso dos costumes.

<sup>3</sup> Segundo Gerald Ramsey (1998, p. 80), um dos grandes defensores do tratado de Benjamin sobre a transexualidade, defende que os distúrbios mentais que os indivíduos transexuais, ou melhor, os verdadeiros transexuais sentem, é uma anomalia que deve ser corrigida conforme as orientações do manual de diagnósticos de disforia de gênero, diretrizes apregoadas por Benjamin.

corresponde a uma prática sexual afetiva entre pessoas do mesmo sexo e, como tal, indica uma preferência por satisfação com sujeitos semelhantes. Para além das opções pessoais de satisfação, a homossexualidade pode ser socialmente identificada por traços corporais devido a sinais que desenham no corpo aproximações fenotípicas com o sexo oposto, traçando características afeminadas e/ou masculinizadas, dissonantes culturalmente. Um indivíduo que se estabelece sob a óptica de uma atração heterossexual, inclinação por sentir-se interessado por pessoas do sexo oposto, pode, também, ser qualificado no tecido social como um homossexual por possuir indicações corporais e/ou comportamentais reforçadas por representações<sup>4</sup> socialmente imaginadas, como podemos visualizar no diagnóstico dos tuberculosos do século XIX<sup>5</sup>. Os homens diagnosticados feministas (termo que se vinculou posteriormente à luta em prol dos direitos das mulheres<sup>6</sup>) por apresentarem condições físicas

---

<sup>4</sup> Moscovici (2007, p. 40-41) denomina o capítulo da obra *La Psychanalyse* “Representação social: um conceito perdido”, neste estabelece as representações sociais como: “entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano- Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica. Mas se a realidade das representações é fácil de ser compreendida, o conceito não o é. Há muitas boas razões pelas quais isso é assim. Na sua maioria, elas são históricas e é por isso que nós devemos encarregar os historiadores da tarefa de descobri-las. As razões não-históricas podem todas ser reduzidas a uma única: sua posição “mista”, no cruzamento entre uma série de conceitos sociológicos e uma série de conceitos psicológicos. É nessa encruzilhada que nós temos de nos situar. O caminho, certamente, pode representar algo pedante quanto a isso, mas nós não podemos ver outra maneira de libertar tal conceito de seu glorioso passado, de revitalizá-lo e de compreender sua especificidade”.

<sup>5</sup> Em *O que é Feminismo?*, Pan Montserrat Barba (2014) informa que a origem do sintagma aparece a primeira vez na história na tese escrita por Ferdinand-Valère de la Cour (*‘Du féminisme et de l’infantilisme chez les tuberculeux’*, 1871), ‘Sobre o feminismo e o infantilismo na tuberculose’, apresentando um quadro de que trata das afeições que muitos homens doentes de tuberculose apresentavam fenótipos ‘infantis e feministas’ como ‘o cabelo fino, cílios longos, pele macia e branca, barba rala, órgãos genitais pequenos, mamas volumosas[...]’

<sup>6</sup> Em *O que é Feminismo?*, Pan Montserrat Barba (2014) informa que a origem é apresentada pela historiadora e filósofa francesa Geneviève Fraisse no livro

mulheris, conferiam-lhes características do sexo feminino. Ou seja, a aparência de certos traços indicativos da sexualidade dos sujeitos, de acordo às convenções criadas socialmente, é um demarcador de posições nos ordenamentos de sistemas classificatórios sobre “natureza humana”.

Essa construção de discursos sobre a sexualidade aparece em algumas obras pesquisadas (FOUCAULT, 2015<sup>7</sup>, 1988, 2009), por exemplo, diz-se que o objeto de desejo sexual nem sempre esteve historicamente limitado ao espaço privado. Segundo Cláudio Blanc (2010)<sup>8</sup>, as artimanhas do jogo sexual eram compartilhadas pelos indivíduos do laço social em cultos religiosos de diversas naturezas, mas,

---

‘Musa da razão: a democracia excludente e a diferença dos sexos’, 1989, sendo utilizado pela primeira vez para fins políticos e jornalísticos por Alexandre Dumas Filho, em seu panfleto ‘O homem-mulher’, de 1872.

<sup>7</sup> “A sexualidade era, obviamente, considerada um prazer social para os Gregos e Romanos. O que é interessante sobre a homossexualidade masculina atual – e isto parece ter sido o caso da homossexualidade feminina durante algum tempo – é que as relações sexuais são imediatamente traduzidas em relações sociais e as relações sociais são compreendidas como relações sexuais. Para os Gregos e para os Romanos, de modo diferente, as relações sexuais inscreviam-se no interior das relações sociais, no sentido lato do termo. As termas eram um lugar de sociabilidade que incluía relações sexuais. Pode-se comparar diretamente o banho e o bordel. O bordel é de facto, um lugar, e uma arquitetura, do prazer. Desenvolve-se aí uma forma de sociabilidade muito interessante que foi estudada [...]. Os homens da cidade encontravam-se no bordel; eles estavam ligados uns aos outros pelo facto das mesmas mulheres passarem pelas suas mãos, pelo facto das mesmas doenças e infecções lhes serem transmitidas. Havia uma sociabilidade do bordel, mas a sociabilidade dos banhos como existia entre os antigos – e da qual poderá existir uma nova versão um dia – era completamente diferente da sociabilidade do bordel.” (FOUCAULT, 2015). Texto-comentário à entrevista de Michel Foucault ‘Espaço, saber e poder’ que foi publicada no *Punktto* em português, traduzida por Pedro Levi Bismarck da versão original inglesa *Space, Knowledge, and Power*, é o título de uma entrevista de Michel Foucault a Paul Rabinow, publicada na Revista *Skyline: The Architecture and Design Review*, em março 1982. A tradução desta entrevista foi feita a partir da versão original em inglês e da versão francesa *Espace, savoir et pouvoir* publicada no *Dits et Écrits tome IV*.

<sup>8</sup> No livro ‘Uma Breve História do Sexo’ Cláudio Blanc traz ao leitor uma visão de como a sociedade encara o sexo desde os tempos da pré-história até a sociedade atual, conduzindo-nos a um caminho onde o sexo era servido ao culto religioso, público, até, devido ao patriarcado e a era vitoriana, quando passa a servir-se de controle, regras do comportamento e discursos pudicos repletos de tabu, operando a partir de então, sobretudo, na esfera particular da fantasia e da imaginação.

em determinado momento, as regras se inverteram e o Pai soberano passou a ser extremamente rigoroso com seus filhos, exigindo-lhes obediência frente à natureza divina, e aqueles que fossem mais ou menos afeminados e/ou masculinizados, foram então sendo rechaçados das relações sociais.

As definições dos papéis moralmente aceitos para o que se deve ser enquanto macho e/ou fêmea são paradigmas que ainda encontram nos tempos modernos resistência. Tangenciados por discursos religiosos a favor da ‘preservação da natureza humana’, produções teóricas travam disputas que dividem opiniões no tecido social e reforçam os estigmas com os mesmos tons da Idade Média, da desordem ao natural. As questões referentes à homossexualidade são com frequência defendidas como a causa principal da desintegração da ‘sagrada’ família. O discurso vigente sobre as homossexualidades traz à cena a procriação humana – laço primordial do núcleo heterossexual – e a família como célula deste tecido social – que resguardaria a natural propagação da espécie – colocando a homossexualidade como contraponto, fenômeno antinatural, peste que interfere nos planos de Deus na terra dos Homens.

Na urdidura desse pressuposto de negação da homossexualidade – que entendemos aqui constituir-se argumento instigante para abordar a transexualidade – procuramos compreender quais representações são atualmente alimentadas. Este trabalho questionará sobre o sentido que transexuais fazem do sexo, se é compreendido como construído subjetivamente ou determinado biologicamente. Quais interpretações são elaboradas quando optam pela intervenção cirúrgica e se há traços da moralidade conservadora – que entende por pecaminoso o desejo pelo mesmo sexo – neste processo decisório.

No primeiro capítulo nos dedicamos à compreensão dos fatores contemporâneos reforçados pelo traço histórico que informam aos indivíduos a existência de uma vívida negação homossexual e de um dispositivo<sup>9</sup>, ratificado pelas vias da especialização, que solda a heterossexualidade como sendo a ‘normalidade biológica’ ao se reconhecer como transexual. Portanto, será indispensável identificar alguns empasses valorativos e afetivos diagnosticados entre o meio

---

<sup>9</sup> Para Foucault (1995, p. 244) dispositivos “são formados por um conjunto de práticas discursivas e não discursivas que possuem uma função estratégica de dominação. O poder disciplinar obtém sua eficácia entre os discursos teóricos e as práticas reguladoras”.

científico e o tecido social<sup>10</sup> que contribuem para a valoração de uma identidade política sexual, e visualizar o que na construção desse discurso de inversão fez emergir no campo psiquiátrico e médico uma técnica que veio a justificar a necessidade por uma alteração físico química, identificada no desejo de se compreender socialmente como sendo pertencente a outro sexo. Não obstante, garimpar na legislação de alguns países o que pode ainda colaborar para que essa política identitária seja reforçada contra a homossexualidade e opere no corpo, fornecendo ao indivíduo uma fórmula como que ‘solução’ física, para se recompor ao tecido social. O estabelecimento de diagnósticos que dissimulam fatores existenciais a favor de ‘dominações tradicionais’, emprestam sentido ao incômodo da existência e fazem laço<sup>11</sup> com a percepção de si, podendo corroborar para representações ao encontro do sexo operado no corpo. Apontar o modelo ideal historicamente reforçado contra a homossexualidade pode nos informar acerca de fabricações de sintomas sociais a que os agentes afeminados e/ou masculinizados se dirigem instruídos a uma técnica instrumental que justificaria contornos de uma pretensa fluidez do corpo. Relacionar o entendimento político identitário que açambarca o fenômeno com o desejo que a alteração sexual motiva enquanto essência legitimadora da cidadania, contribuirá para a aproximação e o distanciamento de uma problematização necessária sobre as certezas do sexo. Existiriam fatores de controle e higiene dos

---

<sup>10</sup> No Ensaio intitulado ‘Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade’ Senkevivs e Polidoro (2012, p.16-21) problematizam uma disputa que vem ocorrendo nas últimas décadas, demonstrando que as “ciências humanas têm travado intensas disputas com as ciências biológicas pelo fim das chamadas afirmações determinísticas ou ‘biologicismos’ [...]. Se havia, por um lado, um interesse acadêmico na formulação de interpretações que não levassem em conta apenas aspectos biológicos, tidos como naturais e imutáveis, havia também uma crescente articulação das ciências sociais com movimentos sociais – entre eles o movimento feminista e o das ‘minorias sexuais’ e de gênero – que gradativamente reivindicavam posturas científicas a serviço de uma sociedade mais justa e igualitária [...], o que necessariamente passava pela desnaturalização de hierarquias e desigualdades sociais, presentes tanto nos trabalhos de importantes pesquisadores quanto no senso comum”.

<sup>11</sup> O laço social opera nos discursos psicanalíticos que identificam que os sujeitos são impelidos a “um processo de renegociação e reinvenção radicalmente aberto e interminável[...]” (ZIZEK, 2000, p. 333).

corpos que emprestam uma idealização de pertença<sup>12</sup> a subjetividade do agente, reforçada pela visão imoral da homossexualidade?

O segundo capítulo será dedicado à reflexão sobre a construção do saber frente ao fenômeno entendido como inversão sexual. A identidade transexual e as fronteiras transpostas que contribuíram para um conjunto de novas normas, instrumentalizando os corpos a uma roupagem *prêt-à-porter*, na ideia do desencaixe pelo encaixe. A clivagem da identidade pode ser o possível mobilizador de identificação com o fenômeno. Os movimentos de controle social podem ter contribuído para a vigência de padrões normativos (cisgênero versus transgênero) que ganharam peso pelas reificações identitárias e pode ter colaborado reforçando modelos ideais emprestados ao imaginário que, por sua vez, circunscreve de sentido o chamado desenlace entre corpo e mente. A análise da entrevista realizada indica que a homossexualidade não é aceita pela transexual entrevistada, mas, sim, seu oposto, o padrão heterossexual, quando não a bissexualidade. Mas esse deslocamento da homossexualidade, negada no corpo, desviada para um padrão heterossexual, tem uma explicação? A marca dolorosa das trajetórias que relatam os sujeitos transexuais ganha força para incidir em políticas públicas por meio das mais diversas produções teóricas; mas é necessário um momento de reflexão sobre os desdobramentos de uma intervenção cirúrgica na existência dos indivíduos, e, se estes de fato gozam do direito de ser quem dizem que são, também sobre o potencial do Estado, por reproduzir modelos ideias aos agentes da homossexualidade.

Após apresentar o panorama de uma possibilidade explicativa e de incidência política que culminou no processo que vimos a conceber como fenômeno transexual, o terceiro capítulo abordará uma entrevista narrativa concedida e a análise de narrativas midiáticas, dialogando com a experiência desta pesquisadora, que também é implicada pelas amarras do fenômeno e tecerá uma interpretação fadada a ser apenas uma visão de mundo narrada a partir da sua imaginação sociológica, preservando a verossimilhança com os fatos vivenciados, enredados pelas aproximações

---

<sup>12</sup>A pertença tem direta afecção com o conceito de estereótipo que “está intimamente relacionado com o conceito de esquema. Nesta perspectiva, podemos dizer que os estereótipos são considerados esquemas socialmente partilhados que organizam o conhecimento sobre traços, motivos e condutas associados à pertença a grupos e categorias sociais, são os esquemas de papéis mais genéricos (por exemplo, os comunistas, os pretos, os judeus, para referir um universo ideológico - de carácter fascizante - no qual os estereótipos desempenham um papel fundamental)”. (FERREIRA, 2000).

que forneceu a entrevistada e a sua própria experiência, alimentando algumas ideias de como o fenômeno pode ter atravessado a vida desses/as, identificando relações de sentido que podem ter colaborado para uma produção sobre a percepção de si, enviesada no corpo pelas interações sociais.

Este trabalho solicita as pessoas interlocutoras a sapiência de identificar que não há um saber completo do objeto aqui estudado, mas uma concepção de mundo com a qual os agentes podem estar interagindo e que, ao mesmo tempo, transformam o meio social compartilhado. Obviamente a pesquisadora teve que fazer escolhas dos fatos identificados para tecer suas argumentações, mas nenhum deles estão determinados e/ou são determinantes para tal ou qual questão, são apenas conjuntos de conhecimentos que sinalizam possíveis relações causais. Não é intenção produzir algo que se pareça como uma verdade absoluta ou que tenha um tom discriminatório, ao contrário, queremos narrar uma possibilidade que proporcione visualizar os distintos motivos que se coadunam na trajetória dos que compartilham o fenômeno, dos que vivenciam suas angústias existenciais e se enredam no fetiche do mercado: a completude de si, a igualdade, a identidade, o corpo idealizado. Esta pesquisadora quer apresentar-lhes uma visão daquilo que é perceptível na própria existência e compartilhar de ideias acerca de sua dúvida: o porquê ter sido capturada pela insígnia transexual, certa de ser quem ela mesma disse um dia ser, lubrificando sua persona ordinariamente. É dolorosa a jornada, e seria muito mais fácil para a pesquisadora fazer um levantamento bibliográfico daquilo que ela quer crer, mas, seu comprometimento com os aspectos que tangenciam as dúvidas, as deduções levantadas pela empiria, por mais doloroso que as evidências possam lhe parecer, a descoberta de outras possibilidades sem as amarras do corpo imaginado, trazem luz ao trabalho realizado.

## 1.1 OBJETIVO GERAL

Identificar o modelo ideal que orienta a ação social dos indivíduos pautado historicamente na negação da homossexualidade que os informa de um diagnóstico voltado às técnicas específicas sobre o corpo e que possa ter possibilitado o surgimento de um fenômeno a ser conhecido como um processo legítimo de cidadania: a transexualidade.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Compreender por meio de marcos históricos de que forma o sentido de uma representação negativa da homossexualidade é capaz de impulsionar um fenômeno que veio a ser conhecido como transexualidade;
- b) Interpretar no modelo intelectual as evidências da ação social dos indivíduos efeminados e/ou masculinizados que levaram à estruturação de uma política identitária de encaixe social;
- c) Explicar os motivos conectados à diferença sexual que podem condicionar a reflexão do agente pautado por modelos anatômicos valorativos.

## 1.3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O presente trabalho é o resultado de levantamentos teóricos acerca do tema transexual nos diversos dispositivos acadêmicos de pesquisa (ANPOCS, DeCS, CAPES, SciELO, *Google Scholar...*), especialmente aqueles que alimentados pelas ciências da saúde e sociológicas informam sobre o caso analisado. A pesquisa explorou os trabalhos onde a palavra-chave *transexual*, *transexualité* e/ou *transgenders* aparecesse, na busca de artigos, livros e revisões bibliográficas que apontavam para produções reflexivas sobre o tema; e, empíricos, a partir da vivência e experiência narrada da entrevista realizada e das análises de entrevistas midiáticas com agentes/as identificados/as pela identidade transexual, somado à experiência da própria pesquisadora, acumulados nos seus trinta e seis anos de idade, dos quais vinte e quatro estão sob imersão do fenômeno transexual. A chave para a leitura sociológica está balizada na admissão Weberiana de uma sociologia que visa **compreender, interpretar e explicar as ações sociais subjetivamente visadas** (WEBER, 2015), de modo cauteloso para não responder às angústias da pesquisadora e atentando-se às influências que esta precisa evitar para não fornecer uma leitura simplista e viciada das relações causais que podem fornecer sentido a uma ação análoga sobre o tema observado. A **Objetividade**<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> “A ‘Objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais e nas ciências políticas. Esse é o título do ensaio feito por Weber em 1904. Interessante perceber aqui, é empregada (entre aspas), sinalizando que o autor não busca tomar o termo como algo já dado. É uma forma de questionar uma ideia tida como ultrapassada pelos positivistas, segundo a qual, o conhecimento científico deveria ser isento de valores e constituir um reflexo fidedigno da realidade. O conhecimento científico

de Max Weber e suas tipificações foram os instrumentos para compreender a vigência e a legitimidade do fenômeno, tendo em vista uma **‘sociologia compreensiva’** sem pretender estabelecer medidas sobre a predominância de meios e fins, provavelmente racionais que apresentam os fatos. Para qualificar as considerações levantadas optou-se por entrevista semiestruturada com uma agente identificada como transexual e análise de entrevistados/as que deram seus depoimentos à mídia, que forneceram através das suas narrativas pontos de vista que contribuem qualitativamente para a construção de processos idênticos da vida cotidiana compartilhada e que demonstram o motivo provável da ação. Para subsidiar a explicação optou-se por um método de análise **transdisciplinar** (NICOLESCU; 1999), que considera a complexidade dos fatores que tecem as relações sociais, fazendo interface com outras ciências, alinhando **dialogicamente** (MORIN; 1977) os diversos campos do saber, incluindo os mitos que cerceiam o imaginário humano. O trabalho de garimpo também passou pela obtenção de saberes empíricos, procurando os resultados na constituição de uma identidade compartilhada que operou numa concepção política valorativa, culminando no processo transexualizador. Para isto foram analisados documentos e documentários produzidos por associações específicas no Brasil, como é o caso da Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA e/ou internacionais, como o Observatório da Discriminação LGBT, coordenado pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais – ILGA.

---

social para Weber, não seria um reflexo da realidade societária, mas sim um ordenamento conceitual dela para determinados fins.” (NASCIMENTO; AIRES, 2013).



## **2 HERMAFRODITUS E TIRÉSIAS – DO HUMANO SEXUAL À HOMOSSEXUALIDADE, A NEGAÇÃO HOMOSSEXUAL À TRANSEXUALIDADE**

A transexualidade como hoje é entendida, **incongruência de gênero** na seção de condições relativas à saúde sexual, como o indivíduo que não se identifica com seu sexo biológico e que procura adequá-lo ao gênero desejado, que pode ou não, devido aos avanços da medicina recorrer à alteração do seu processo somático, é considerada um fenômeno novo na história. Há poucos registros históricos de casos dessa natureza antes do século XIX, entretanto na literatura é possível identificarmos com o auxílio da mitologia grega aspectos que se assemelham a essa ideia e nos apresentam dois símbolos que podem corresponder a isto que venha a ser representado como transexualidade. O mito de Hermaphroditus é talvez o mais simbólico e representativo da ideia do intersexual: o hermafrodita, aquele que apresenta anatomicamente os dois sexos. Filho de Hermes e Afrodite, Hermaphroditus tem no corpo a marca das duas genitálias devido a uma forte paixão vivenciada por uma ninfa que por ele se encantou, e tomada de tamanho desejo, fundiu-se ao seu corpo, tornando-o símbolo possível da representação primordial da ocorrência de casos ambíguos quanto ao sexo de nascença. Outro mito na história da oralidade vem por meio do corpo de Tirésias que, ao ir ao monte fazer suas orações, depara-se com duas serpentes em cópula e tomado de assombro, interrompe o coito matando uma das víboras. Pelo ato, como uma espécie de castigo, Tirésias transforma-se em mulher tendo que assim viver durante sete anos quando, noutro momento, outra cópula ele interrompe, invertendo assim o feitiço. É convocado por Hera, que travava querela com Zeus, disputando sobre a força prazerosa dos sexos, se o homem ou a mulher. Para responder o foco da briga Tirésias é chamado e põe fim à discussão respondendo enfaticamente que a mulher é quem gozava mais dos prazeres do corpo. Tirésias pode ser significado como um corpo que se transfigura e potencializa a vivência de um outro sexo; mas não é só isso que se pode explorar do mito, também pode ser compreendido pela leitura fluida que o significante sexo pode exercer na natureza. Na concepção deste trabalho as marcas da ideia ideal da transexualidade encontra âncora e faz laço com esses dois arquétipos que se apresentavam ao mundo através da oralidade. Como é-nos ensinado por Joseph Campbell, a força motora dos mitos opera não só para o alimento das fantasias, mas também sobre o **corpo**:

Em todo mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. [...] As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia [...] surgem do círculo básico e mágico do mito. (CAMPBELL, 2007, p.15).

Tirésias e Hermaphroditus correspondem na modernidade ao que concebemos como o intersexual, hermafrodita, e pelo sentido da fluidez corpórea, como ocorre na figura de Tirésias, do/da transexual.

Antes de entrarmos na questão específica da transexualidade, procurando compreender sua representação e os símbolos que fornecem a esse fenômeno uma vigência no tecido social – foco que será trabalhado no segundo capítulo – precisamos traçar qual foi o fator compreendido como orientação sexual na história, observando como se comportam as sociedades frente a este tema, o que pode contribuir na direção de uma representação que recebeu traços de negação da homossexualidade. Que lastros perpetuados socialmente estabelecem sentidos a essa expressão humana que culminam numa suposta contravenção social. É importante salientar que este trabalho não pretende esmiuçar exaustivamente sobre as origens da homossexualidade, seu registro na história já recebeu várias nuances e elementos abordando a nascença desta categoria vis-à-vis com a bissexualidade e a heterossexualidade (NAPHY, 2006; RODRIGUES, 2004), mas, sim, desenhar cronologicamente os principais significados ofertados à relação homo-afetivo-erótica que ainda lhe são atribuídos socialmente. Não obstante, é importante para este trabalho contextualizar que a homossexualidade se refere conceitualmente a certa qualidade afetiva ou emocional por pessoas que demonstram interesse por outras do mesmo sexo, portanto, bem como as outras formas da sexualidade, é caracterizada por um laço social afetivo e/ou erótico, visando no corpo do outro um meio de satisfação física e psíquica. Variados estudos em diferentes tempos e nos diversos campos das ciências procuraram responder ligações físicas – biológicas, genéticas e epigenéticas –, que determinariam as expressões da sexualidade humana, e, somando-se a estes, outra miríade de pesquisas sobre a função dos elementos sociais e de fatores psicológicos do comportamento humano, disputaram as raízes do significado de determinados padrões comportamentais. Como resultado, a história alimentou nuances de condenação, pecado,

imoralidade, perversão e até mesmo de admiração, variando muito a depender da época e da cultura, mas, sobretudo, quase sempre interferiu negativamente, excluindo e marginalizando os/as agentes que escapam às regras do jogo.

A Associação internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais – ILGA (2017a) apresentou relatório, mapeando entre os 193 países membros da *ONU*, com nações que deflagraram maior vulnerabilidade a pessoas homossexuais e constatou que destes 36% dos países pesquisados criminalizam a homossexualidade. Destes, 32 são países do continente Africano; 23 países na Ásia; 10 países entre as Américas (norte, central e sul) e seis países na Oceania. Em 26 países desta pesquisa da *ONU*, o crime previsto refere-se somente a práticas entre homens.

Alguns dos países apresentam legislações com penas tão severas para os homens que reforçam a proibição com o significante sodomia (Deus, por direito, eliminou os homens que não tinham necessidade de esconder seus pecados porque, diz a Bíblia, (Judas 1:7) “de modo semelhante a estes, Sodoma e Gomorra e as cidades em redor se entregaram à imoralidade e a relações sexuais antinaturais.”) e os punem com chibatadas, apedrejamentos, prisões e até a pena de morte. Citamos aqui alguns exemplos dessas leis, como as que vigoram nas Maldivas, que preveem penas que variam de 10 a 30 chicotadas, até o exílio, para os homens, podendo durar de 9 meses a 1 ano; e para as relações entre mulheres a pena de prisão é domiciliar, de 9 meses a 1 ano. Na Tanzânia os homens que são identificados como homossexuais, podem ser sentenciados com a pena mínima de 30 anos de prisão, e as mulheres podem ser condenadas a cinco anos de prisão, além de pagar multa. No Cathar a pena para os homens que praticam sexo com iguais é de 7 anos caso não sejam muçulmanos, os que estão sob o controle dessa religião, aplica-se a lei da sharia, a punição é com a morte. Nas ilhas caribenhas de São Cristóvão e Nevis as penas podem chegar até 10 anos e serem estendidas também para trabalhos forçados. Na ilha de Nauru, o país pune de 7 a 14 anos a trabalhos forçados quem praticar sexo anal. Para outros atos a pena é de 3 anos de trabalhos forçados e a Lei ainda descreve que os trabalhos devem ser árduos e colocam a homossexualidade como algo que vai contra a natureza. Na Nigéria as leis variam de acordo com cada estado, mas, 12 estados adotam a lei da sharia para relações homossexuais, condenando os homens a morte e chibatadas para as mulheres; já nos outros estados as penas variam de detenção de 13 a 14 anos. No Sudão a penalização é de chibatadas e prisão de cinco anos se for cometido a primeira e a segunda vez, se houver uma terceira

ocorrência o juiz pode determinar a prisão perpétua ou execução do réu. Em Serra Leoa os homossexuais são punidos com a prisão perpétua e as mulheres não são condenadas pela lei, mas sofrem graves discriminações e assédio pelas leis “baseadas na crença cotidiana na santidade das tradições” (WEBER, 2015, p 141) por todos daquele país. Nos Emirados Árabes a legislação condena com pena de morte o adultério, mas os homossexuais são facilmente encaixados nesta. Em Dubai a prisão pode chegar até 14 anos, enquanto em Abu Dhabi o tempo máximo pode ser de 10 anos - as leis variam com relação aos princípios de cada região. No Irã quando o sexo entre homens é detectado a pena de morte é a principal punição, mas também pode operar a punição pelas chicotadas, dependendo do caso; para relações entre mulheres a pena é de prisão domiciliar. Na Somália a condenação ainda é o apedrejamento (ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRANS E INTERSEXUAIS, 2017b).

Conforme os dados divulgados pela ILGA (2017b), existem atualmente 70 países que possuem leis severas contra homossexualidade no mundo, uma relevante parte encontra-se no continente Africano e no Oriente Médio – embora existam países aplicando leis homofóbicas em quase todos os continentes. No Brasil, somente na época em que o país era colônia, a homossexualidade era entendida como um ato criminoso, quando estava sob as rédeas de Portugal.

O Brasil por ser um país de predominância religiosa e de raízes coloniais plurais, fatores tradicionais potencializam e perpetuam no tecido social reações de ódio e negação contra a homossexualidade, preservando dessa forma “as regras convencionais e a importância crescente da dependência mútua dos homens em relação à observância dessas regras” (WEBER, 2015, p 297) ao ponto que se tornam perceptíveis a violência pelo aumento dos crimes de ódio contra homossexuais. Crescentemente, apesar de no Brasil não existirem leis que criminalizem essa prática, segundo o Grupo Gay da Bahia - GGB (instituição que compõe um dos observatórios da discriminação no Brasil) “é o país que mais mata e discrimina pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexuais”, ocupando o primeiro lugar no ranking dos países com 445 mortes só no ano de 2017 (MOTT, MICHELS, PAULINHO, 2017).

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA (2018), no mesmo instante que este trabalho estava sendo elaborado, apresenta-nos respectivamente os seguintes registros no ano: 44 tentativas de homicídios, 134 assassinatos e 63 violações de direitos humanos contra

travestis e transexuais, números condizentes até o mês de outubro de 2018.

O observatório do Instituto Brasileiro Trans de Educação registrou somente no ano de 2017 um total de 185 casos de crimes de ódio contra travestis e transexuais. Estes dados representam significativamente a vulnerabilidade atravessada pela orientação sexual e potencializada quando esta é condensada por expressões e/ou transformações visíveis no corpo - é o que podemos perceber no dossiê intitulado “A carne mais barata do mercado” (NOGUEIRA, CABRAL, 2018), instrumento que nos chama a atenção para os fatores de risco social que, principalmente, as pessoas que se identificam como trans estão imersas.

É a partir das especializações, da organização do mundo, do saber, do distanciamento do diletantismo, que os conceitos se fortalecem para explicar as causas dos mais variados fenômenos, na tentativa de responder aos problemas alimentados pelas relações sociais. A ciência, na busca do controle do homem sobre a natureza, se encarrega de criar sentidos causais para esses questionamentos com o intuito de aliviar o caos da incerteza, mas, costumeiramente, o resultado é retroalimentar os fenômenos. O corpo é uma dessas incógnitas máquinas mais questionadas e disciplinadas pelo saber, este aparelho a ser estudado, desvendado e preservado desde seu exterior até as minúsculas composições físico químicas, recebe explicações que visam fornecer base ao entendimento como forma de uma “bioidentidade” (ORTEGA, 2008). Francisco Ortega (2008) sinaliza para a égide das ideologias que passam da moralidade da saúde para a moralidade da adequação, o agente é condicionado pelos discursos da saúde do corpo e da adequação corporal por uma “bioidentidade apolítica”, individualista e imperativa do disciplinamento corporal. Seja a construção de uma percepção sobre a realidade social, “biosociabilidade” objetiva e subjetiva, a percepção de si é um fator que atravessa os corpos pelo patrocínio do “elo perdido”, principalmente quando se é nutrida para abastecer o indivíduo das crenças e informá-lo dos imperativos vigentes na cultura, como fazem por meio da tentativa de higienização a certas expressões do comportamento humano, fornecendo diretrizes “normativas” ao corpo. Desta “genealogia das diferentes tecnologias médicas de visualização do corpo” pelas experimentações sob o domínio da ciência.

Vejamos o que Havelock Ellis (1971, p. 148) nos sinaliza sobre os invertidos sexuais em contraponto a homossexualidade:

Os invertidos podem ser saudáveis e normais em todos os aspectos, com exceção de sua particular aberração. Este sempre foi meu ponto de vista,

embora eu considere a inversão como frequentemente em relação estreita com estados neuróticos benignos. Podemos concordar com Hirschfeld (que encontrou a marca hereditária em não mais de 25 por cento de invertidos) que, mesmo quando há uma base nevrópática na inversão, o elemento mórbido geralmente é pequeno.

**Somos trazidos assim, ao que pode ser considerado como a base fundamental da constituição biológica sobre a qual [...] repousa a homossexualidade. Pode parecer fácil dizer que há dois sexos perfeitamente separados, distintos e imutáveis [...] Podemos não saber exatamente o que é o sexo; mas sabemos efetivamente que ele é mutável, com a possibilidade de um sexo ser transformado em outro sexo, que suas fronteiras são muitas vezes incertas, e que há muitos estágios entre um macho completo e uma fêmea completa. [...] Em todos estes casos o sexo pode ser considerado como um dos artifícios (porque há outros artifícios na natureza) para assegurar a reprodução, embora tenhamos justificativa em estudar os fenômenos do sexo independente da questão da reprodução.**

Corpo e mente, ora separados metafisicamente, são inteiros e coesos na ação que constitui as relações sociais. Segundo Ortega (2008, p.210). “Toda ação é, em primeiro lugar, uma ação corporal”, que demanda por explicações e até acolhe as relações construtivistas, mas não por isso enreda uma ação emancipatória e subversiva à identidade, ao contrário fomenta maior disciplinamento sobre os corpos em obediência às regras sociais pela manutenção da ordem, o que por vezes é fomento para os diversos conflitos, submetidos à moralidade e à sacralidade frente a chamada natureza, na tentativa mesma de fazer das diferenças uma resposta natural do meio.

O homem sexual nem sempre foi obediente a estes estratos moralizantes e normativos. Esteve presente na história como na figura do pederasta/mancebo, aquele que, dirigido pelo seu predecessor na iniciação dos trabalhos do pensamento, como modelo pedagógico, era atravessado pela sedução do saber, inclusive na manutenção dos prazeres do corpo. Dois homens estimulavam relações *homo* a partir da

convivência e da identificação projetiva do mais velho para o mais novo, assim eram os casos que os sofistas e os filósofos mantinham com seus amantes do saber; ou seja, não se definia pela palavra algo relacionado à orientação sexual, era definida a relação do saber que podia relacionar ou não com o prazer sexual (VRISSIMTZIS, 2002; p. 101-102). Era possível que um homem mais velho iniciasse um jovem na política, no debate filosófico e na iniciação sexual e, depois, este jovem casaria, teria filhos e esses filhos seriam orientados por outros homens mais velhos, esta era uma característica grega na vida dos homens da *polis*. Já existiam visões negativas em relação à prática, principalmente se houvesse qualquer vínculo de feminilidade; é o que nos informa Souza (2008, p 22):

Em Atenas, nos séculos V e IV a.C., o contato sexual entre homens possuía uma particularidade: apesar de ocorrer com frequência, em hipótese alguma os envolvidos poderiam denotar alguma feminilidade, recusar sua masculinidade, travestir-se ou comportar-se como uma mulher, diferentemente de alguns grupos homossexuais contemporâneos, que se vestem caracteristicamente de forma afeminada, transformam seu corpo com o uso de hormônios femininos e até mudam de sexo por meio de intervenções cirúrgicas. Um cidadão ateniense, ao se comportar como uma mulher, estaria se sujeitando a uma posição aquém daquela a qual pertencia, rejeitando sua cidadania e seus direitos.

Mas, sobretudo, foi na idade média que a homossexualidade recebeu carácter de anomalia e a prática passou a receber forte condenação religiosa; em alusão às cidades de Sodoma e Gomorra - que teriam sido destruídas por Deus por pecados de inclinação homossexual - a palavra sodomia forneceu sentido as relações dessa natureza e foram vistas como pecadoras, “[...] isto é, como um vício baixo, ou melhor um crime, merecendo as mais severas penas, seculares ou eclesiásticas, inclusive a fogueira”. (ELLIS, 1971, p.145).

São questões complexas que enredam a homossexualidade desde a antiguidade, como se houvesse um desvio herege, de escolha, dos que assim se reconheciam. As rédeas da observação da natureza apregoavam/apregoam que nascemos basicamente com duas características biológicas, macho ou fêmea, e interpretam que se assim se nasceu, com determinada formação, tudo que decorrido dela seria o natural. A convocação dos dados observáveis na natureza, é a defesa

alimentada pelos religiosos da moral, e aparentemente incontestável, por mais que se busque nexos subjetivos para justificar uma pluralidade, o dimorfismo sexual apresenta sólidas raízes nos discursos enfáticos quanto a uma natureza binária - produções de que não seríamos produtos no mundo por mera abstração, demonstram as implicações corporais defendidas sob o corpo operante na lógica da propagação da espécie.

Observar o tom relativista vigente na contemporaneidade, desvalorizando as marcas do corpo, é fornecer valor na mesma medida como pregam os dogmáticos religiosos, e nutrir uma defesa pela diluição da personalidade formadora das relações, é responder na mesma moeda, pois as percepções da realidade pela via da experiência humana, faz marcar o sexo como princípio para, inclusive, fazer a escolha de ser de outro ou gostar do mesmo. A inclinação afetivo-sexual, o desejo que dá uma orientação sexual pessoal, assombrou/assombra durante séculos o tecido social por nele estar estabelecido os padrões da ação tradicional e afetiva ligada a um suposto “natural”: caso tenha conformação física masculina (feminina) necessariamente gostará de mulheres (homens). Esse mistério de se saber exatamente as raízes do comportamento homossexual já denuncia em si um preconceito que ganhou margem quando a repressão era total, como na Espanha inquisitorial; existiu no Brasil colônia; na idade média, com Ricardo, Coração de Leão, e seu amante Filipe II; o preconceito se nutria na Inglaterra vitoriana onde a homossexualidade era crime e condenada a trabalhos forçados. O preconceito existiu, como é fortemente investido na modernidade, em variados contextos - incluindo o atual que tem levado ao poder governanças que prometem proteger as famílias dos perigos militantes “*gayzistas*”. Aparentemente, nada do que foi feito até hoje, especialmente de forma repressiva, veja o caso de Alan Turing que teve sua vida narrada nas telas do cinema como o homem que decifrou o código de mensagens cifradas dos nazistas e desenvolveu a linguagem do atual computador. Turing foi tratado com hormônios e produtos na tentativa de que mudasse a sua orientação sexual, e o resultado foi o suicídio (SCHECHTER, 2016). Todas as tentativas de lavagem cerebral, treinamento, reeducação sexual, tanto na União Soviética totalitária como em uma democracia como no caso dos Estados Unidos, todos os meios utilizados resultaram em suicídio, em infelicidade. Os dispositivos reificados religiosamente e cientificamente se inserem no laço social ao ponto do agente se ver aderindo voluntariamente a testes que visavam/visam solucionar o enunciado problema; colocando-se as vias de receberem tratamentos considerados de reversão, como eletrochoque, condicionamento, lobotomia, e o coeficiente gerado é que continuam existindo

homossexuais. O preconceito contra homossexuais é sobretudo uma característica cultural presente no mundo contemporâneo, novamente, note-se ter sido a pauta que colaborou para ocorrerem mudanças na gestão de alguns países, o conclamado princípio da/pela família (MARÉS, et al., 2018).

A sexualidade humana é complexa, não é unificada, não funciona da mesma forma e com os mesmos conceitos em todas as épocas, mas os conceitos alimentam novos estudos pela procura de essências que reforçam um preconceito que vem sendo nutrido há décadas. Progenitores heterossexuais, (aqui para marcar ironicamente a média. Obviamente existem várias relações diferenciadas e tecnologias que proporcionam outras formas de concepção) não podem determinar sob os prazeres da carne da sua prole, mas, porque o sexo é uma definição não arbitrária marcada no corpo, a ação tradicional pode, reforçada pelos laços afetivos, legitimar sentenças morais que tangenciam as relações sociais que são propagadas as futuras gerações pelas sanções, positiva e/ou negativa. Ou seja, seria simples pensar que se a orientação sexual fosse determinada e determinante dos pais aos filhos, toda humanidade seria heterossexual, porque, sobremaneira, ações da natureza divina e as regras legitimadas são zeladas por agentes héteros e ensinadas desde das primeiras balbuciações - os aspectos da repressão cultural já atravessam a criança desde os primeiros estágios onde interdições são lhes apresentadas desde muito cedo. Não é porque os países determinam tais e quais formatos de tabus, não é havendo leis que criminalizam a sexualidade que mudará alguma coisa. Em todas as épocas, em todos os regimes, dos repressivos aos liberais, nós temos a presença da homossexualidade como uma das realidades humanas que se faz preciso conviver como que uma característica natural, pois assim o é. O que se impõe em pleno século XXI em disputas, se é uma prática, um padrão, uma orientação ou desvio do comportamento, é praticamente impossível de ser sustentado somente por ser considerada um ataque à moral e aos bons costumes, uma ofensa a família e a natureza divina (SANTOS, 2013). Salvo novas evidências, o contexto atual levará ainda certo tempo para perceber a homossexualidade como parte da natureza humana.

Alguns estudos procuram por evidências na justificativa de trazer respostas ao tecido social sobre essas marcas históricas. Até praticamente o final do século XX se entendia a homossexualidade como doença mental, discutida sobretudo na área da psiquiatria com um olhar quase sempre determinista, apoiando-se na interpretação psicanalítica (RIBEIRO, 2010; CASTEL, 2001). Estes entendiam os homossexuais pela lupa da identificação objetal: os meninos e/ou meninas que recebiam

atenção cuidadosa, excessivos carinhos, se fixariam por isto na figura materna e/ou paterna, e então era identificada a causa da homossexualidade. A prescrição seria, portanto, manter uma certa distância salutar da criança com sua/seu genitora/genitor, cuidando para que “a sua majestade o bebê” não venha a ser sufocada pela projeção do ideal do Eu e passe pelas suas fases de maneira condizente aos tempos do *Édipo*, afastando a possibilidade de excessos, não sendo foracluído da lei paterna. Essa interpretação não encontra a menor observação na prática, pois existem meninos homossexuais que não conviveram com suas mães e têm meninas homossexuais que o pai foi embora de casa quando ainda nem haviam nascido (MAYA, 2007). Na atualidade o tema não perdeu essa necessidade de encontrar uma gênese explicativa e até determinista, os estudos recentes da epigenética abrem espaços para novas formulações. Um dos campos de pesquisa busca compreender a homossexualidade pelos aspectos genéticos, apresentam teses de que existiriam concentrações de homossexuais em determinadas constelações familiares, apontando que localizaram as evidências de que em irmãos gêmeos univitelinos a homossexualidade é do par (a probabilidade de um irmão par de um homossexual, ser ele também outro que apresente as mesmas características, é muito mais prevalente do que na população de um modo geral, segundo essas pesquisas) (FORASTIERI, 2006). Exemplos dessas disputas pela gênese da homossexualidade podem ser visualizadas nos estudos de Dean Hamer que construíram explicações causais demonstrando a interface entre os marcadores de DNA e a homossexualidade, e, como sempre, essencialmente em homens (ALBUQUERQUE, 2004). Quando foi publicado o estudo coordenado por Hamer em 1993 a repercussão na imprensa foi muito grande e, discutindo “o gene responsável pela homossexualidade”, reforçava novamente outros discursos da mesma ordem: culpabilizando seus agentes pela causa, só que dessa vez, animando o cenário social que visualizava nisto uma favorável higiene de laboratório, como se dessa feita as marcas hereditárias é que levassem a culpa e os avanços da ciência pudessem/poderão profilaxiar casos como esses futuramente - praticamente o “processo de Bokanovsky”<sup>14</sup>. Esse estudo chegou à conclusão de que se tem/teria um gene totalmente responsável pela

---

<sup>14</sup> É um dos principais instrumentos da estabilidade social, pois possibilita a produção em série do ser humano permitindo que em um único óvulo sejam fecundados 96 gêmeos, por isso se dá a estabilidade social. Através deste processo toda a comunidade, homens e mulheres serão idênticos, padronizados, em grupos uniformes, constituídos de um único embrião. (HUXLEY, 1931).

homossexualidade, e explica que a evidência está em algum lugar da região q28 do cromossomo Xq28. Outros estudos vieram na sequência de encontro aos de Hamer, apresentando dados com gêmeos univitelinos e contestavam a metodologia de análise, mapeando entre 20% a 50% de casos apresentados, não a quase totalidade que Hamer defendia (HENRIQUE, 2017). São disputas científicas como essas, por saber se há uma genética da diferença sexual atuante no comportamento e no cérebro, que reavivam preconceitos, sem espaço para interlocuções com questões que têm cepa em fatores puramente filosóficos (ALBUQUERQUE, 2004). Compreendemos que esse desejado controle sobre o corpo, de traços megalomânicos, por vezes, lançam suas teorias explicativas como se fossem solucionar alguma angústia humana; e o cérebro é a nova crista da onda que vem recebendo na atualidade um grande valor causal - então, será que agora vamos solucionar o problema de toda angústia humana?! (CONHECIMENTO CIENTÍFICO, 2015). A exemplo, é interessante apontarmos sobre as teorias do dimorfismo cerebral, mulheres não possuem cérebros iguais aos dos homens, dizem algumas das áreas. Uma das correntes aponta que existe um dimorfismo atuante e que o cérebro da mulher adulta consome 27% da energia calórica em relação com o do masculino que consome 23% (SOUSA, 2008). Para efeitos de uma sociologia isso não tem nenhuma afirmação prática, não entendemos o que essa informação nos garante além de corroborar a diferença dos sexos no tecido social, mas, é importante citar para fazer alusão a ansiedade explicativa pela supremacia de uma gênese da natureza humana. Se os homens gastam mais ou menos energia no cérebro do que as mulheres não fazemos a menor noção do que isso queira dizer, mas é uma diferença, e é uma hipótese que alimenta os saberes produzidos e perpetuados como significantes no seio das relações. Os estudos endocrinológicos, como o paradigma de Jost<sup>15</sup> que trata da exposição pré-natal aos andrógenos, demonstrou que em animais de laboratório se percebe que em um embrião colocado em contato com doses altas de andrógenos desenvolve o fenótipo XY; quando é privado e colocado na presença de estrógenos, que bloqueia a testosterona, o

---

<sup>15</sup>III.1. Determinação do sexo “O sexo pode ser cromossômico (genético), gonadal, fenotípico (somático) e psíquico. Conforme o paradigma de Jost”, o desenvolvimento dos órgãos reprodutivos começa com o estabelecimento do sexo cromossômico o momento da fertilização, seguido da diferenciação do sexo gonadal e terminando com a formação do sexo fenotípico, ou seja a genitália interna e externa.” (GONZÁLEZ, 2002, p 21).

fenótipo se transforma XX (GONZÁLEZ, 2002). Esse paradigma foi enunciado em 1959 e não foi contestado por quase meio século. A partir de 2008 estudos realizados em animais de laboratório, não mais em embriões, com testículos formados e com o nível normal de testosterona e andrógenos produzidos, percebeu que se se retira o gene que controla o receptor androgênico, o animal desenvolve os genitais e comportamentos femininos. Ou seja, o receptor androgênico é para esses estudos a parte mais importante do circuito da organização sexual do corpo. As epimarcas, alterações da cromatina que tem influência na transcrição dos genes e inclui mudanças nas sequências do DNA, identifica que a metilação é capaz de modificar a expressão sem alterar o DNA. Normalmente as marcas são “conduzidas” pelo espermatozoide sempre aos óvulos e quando se tem alterações epigenéticas relacionadas ao meio, o agente pode feminizar o cérebro e o comportamento; este tema das epimarcas transmitidas coloca em perspectiva algumas “verdades” produzidas na cadeia significativa do saber determinista biológico, salientando que as glândulas secretoras operantes no pré-natal são causadoras de diferenças sobre o comportamento sexual dos indivíduos. Acolhem que o laço social tem uma relação interagente com as epimarcas e que são específicas e projetivas às expectativas XX e XY, contribuindo para a diferença na sensibilidade entre masculino e feminino. Isto quer dizer que o receptor androgênico tem um estilo de sinal no cariótipo XX, e se acontece o bloqueio, as marcas podem ser modificadas e o sinal que segue potencializa o XY. Estas marcas protegem contra os “antagonistas” androgênicos para resguardar e impedir que a diminuição da concentração de testosterona provoque feminização dos órgãos sexuais. (VARELLA, 2018).

Relações de causa e efeito não produzem síntese, mas, como nos lembra Morin (1977), é possível estabelecer uma relação dialógica a partir da complexidade, que não faz registro de um fim em si, mas, que, transdisciplinarmente, enreda variadas relações - físico, biológica e antropológica que podem colaborar para uma possível compreensão dos fenômenos sociais, que jamais retornará ao centro. Citando Morin (1977, p. 45):

Eis-nos num universo em que o caos funciona, e que obedece a uma dialógica na qual ordem e desordem não são apenas inimigas, mas cúmplices para que nasçam suas organizações galáxicas, estelares, nucleares, atômicas. Eis-nos num universo em que certamente muitos enigmas serão elucidados, mas que jamais voltará à sua antiga

simplicidade mecânica, que jamais recuperará seu centro solar, e no qual aparecerão outros fenômenos ainda mais espantosos que os que acabamos de descobrir.

A organização dos estudos discutidos acima, como meio de ordenar um conjunto de redes que interagem em si, fornecem-nos pistas para conectar saberes que procuram no mesmo objeto explicações via outros ensaios clínicos, também fadados ao fim nessa instrumentalização que opera pelos trilhos descarrilhados da racionalização. A razão não é senhora da mente, e pode mentir ordinariamente para si quando procura uma síntese como forma de apaziguar as angústias humanas, portanto, visualizar os problemas sociais apresentados sobre a homossexualidade e compreender que essas disputas só alavancam sintomas sociais como as que denunciam a chamada ideologia de gênero (MIGUEL, 2016) (estimulada na arena pública a partir de um suposto kit<sup>16</sup> explicativo que auxiliaria a uma pseudo plateia cativa de discentes, desde sua tenra infância, a neutralidade do sexo, a destruição da personalidade), pode ser simplista e preconceituosa, mas, também, a de ser levado em consideração os antagonismos que enredam o tecido social. Como pretendemos demonstrar, os sintomas sociais contra a homossexualidade deixaram marcas na história e nutrem, ainda neste século, uma tradição afetiva cerceadora de outras expressões para além da heterossexualidade, o que conduz a criação de percepções de si tramadas num sentimento disfuncional, conduzindo indivíduos a recorrerem a tratamentos religiosos, terapêuticos (clandestinos - uma vez que a psicologia pune terapeutas que se colocariam como possíveis gurus da adequação). Se há mais homossexuais no século XXI do que havia no século retrasado, não se sabe. O que mudou é que agora existe maior visibilidade, tem Paradas do Orgulho Gay; existem dias para visibilizar tal e qual identidade política que se destacou; possibilitou a criação de sentidos identitários; existe a presença declarada de lésbicas, gays, travestis, transexuais, assexuados, pansexuais... na mídia, nos esportes, e o número pode ser basicamente o

---

<sup>16</sup> Por meio de um convênio firmado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), foi elaborado o material que seria distribuído às instituições de todo o país. Entretanto, uma polêmica impediu sua circulação. Em 2011, quando estava pronto para ser impresso, setores conservadores da sociedade e do Congresso Nacional iniciaram uma campanha contra o projeto. Nas acusações feitas, o "kit gay" -- como acabou pejorativamente conhecido -- era responsável por "estimular o homossexualismo e a promiscuidade." O governo cedeu à pressão e suspendeu o projeto. (SOARES, 2015).

mesmo, mas apenas agora estão mais visíveis. Interação na sociedade. Estão em ambientes urbanos, um pouco mais aceitos em ambientes rurais (PAIVA, 2015). Essa é uma questão que opera sob a percepção da realidade social, não há porque se perguntar o porquê da orientação sexual, não sabemos de fato o que causa esse dado de diversidade sexual, mas sabemos que é presente para além desses polos didáticos que se utilizam das insígnias: homossexual, bissexual, heterossexual, entre outros, como uma determinação tradicional que inibe uma variação vivencial sob qualquer um desses significantes.

Será que a natureza mágica que fez Tirésias pagar o castigo no corpo vivenciando outro sexo, se iguala a materialidade da ciência que consagra uma tecnologia e coloca outro sexo como solução mágica a percalços subjetivos? O que este trabalho se questiona é se essas marcas podem ter produzido um outro sentido, devido à negação social que predomina contra uma variação homossexual. Teria o indivíduo do século XX encontrado âncora sob o discurso patológico que fez produzir um arsenal tecnológico de readequação sexual?

Existe uma grande quantidade de homens/mulheres que se consideram heterossexuais, casam, têm filhos, vão para um ambiente exclusivamente masculino/feminino, vivenciam uma experiência homoafetiva, e voltam a sua normalidade chamada heterossexual. Há uma grande quantidade de casos registrados de mulheres/homens que possuem uma paixão por outra mulher/homem e depois que essa paixão passa voltam a ter relações heterossexuais. A sexualidade humana é mais complicada do que essas redes alimentadas com classes conceituais. Termos para as parafilias, para os comportamentos sexuais tidos como fora do padrão, têm por necessidade classificar quem é sádico quem é masoquista quem é fetichista, na tentativa de controlar a partir de uma moral prevalente, protetora de certa concepção de família. Reforça e registra no coletivo relacional entre pais e filhos valores atribuídos a “norma social”; perpetua a perseguição na ideia de que a existência de homossexuais destrói a família. O que o tecido social faz com o corpo dos sujeitos homossexuais nos dias atuais é reforçar que esse tipo de expressão humana é anormal por separar os/as homens/mulheres de suas/seus esposas/esposos; a/o mulher/homem pode abandonar os verdadeiros valores sagrados para fugir a favor da concupiscência de lésbicas/gays; não existirá mais família por culpa dos homossexuais. Ou seja, são criações narrativas que reiteram o mito de que a homossexualidade é inimiga, obra demoníaca, quando na observação dos fatos os homossexuais também têm suas famílias. Em países laicizados, ausência de envolvimento religioso nos assuntos de governo, que têm

uma legislação que não só descriminaliza como estabelece a igualdade dos diferentes gêneros e orientações, como por exemplo a Dinamarca<sup>17</sup>, mesmo assim vigora certo desconforto narrado por indivíduos homossexuais, embora não apresentem violências como em países em que a influência religiosa atravessa a esfera pública do Estado. A homofobia é típica de países em que a religião domina o tecido social e determina suas sanções, sempre punitivas, pois vai de encontro à sagrada família. O inaceitável é que as pessoas se utilizam de uma imaginação fértil para alimentarem posições que oprimem e abastecem depressões, queixam-se de que a excessiva liberdade sugestiona e que a mídia é um espaço de justificação para pervertidas escolhas, contra ou a favor, disso ou daquilo. Ou seja, não se trata de saber se há ou não pessoas que sentem afeto por outras do mesmo sexo, mas ver consagrado no espaço a manutenção do *status quo* do suposto tecido social.

Retomando a questão de Tirésias, podemos pôr em paralelo o castigo por ter matado uma serpente com a punição que sofrem aqueles que matam a fórmula sagrada, o coito heterossexual. Neste sentido, o castigo que homossexuais, por se sentirem afetivamente ligados a um desejo pelo mesmo sexo, recebeu da instrumentalização do saber a solução mágica via técnicas que amarram o corpo a outro sexo e produzem nele outro significado. A interpretação do mito aqui exposto, são os ramos da segregação alimentada no laço moral que, por sua vez, potencializam fantasias em paralelo às normas e nutrem uma parcela de homossexuais a ocupar um novo espaço, tendo sob a percepção do corpo o novo sexo que oferta(ria) um lugar. Existe uma ideia de normal nessa apresentação de um sexo recriado e aproximado com o mental idealizado, a final, só é normal a sexualidade entre um homem/pênis e uma mulher/vagina e a infelicidade se dá imediatamente para os casais do mesmo sexo. Domesticar, medicalizar, tornar clínico procedimentos sexuais, talvez seja uma das grandes aspirações do cientificismo, procurando enquadrar nos sedimentos socialmente construídos uma velha/nova identidade. Encontrar solução num papel definido, ou seja, não numa vida homossexual, mas transexual, é uma alternativa quando se interpretam as relações sociais pelos chistes ainda definidores da graça diária na pergunta: mas quem faz o papel de quem nessa relação?! Aceitar novos conceitos é sempre um caminho, mas o percurso enunciado ainda retorna aos mesmos pressupostos, é macho ou fêmea?! Esses laços da ordem do Pai acentuam as violências psíquicas no apelo de querer ser um outro - o que não quer dizer, de qualquer forma, que isso implique que

---

<sup>17</sup> O primeiro país do mundo a legalizar o casamento gay, em 1989.

não existiria um genuíno sentimento de desencaixe para cada qual que se vê enquadrado no desejo de alterar o sexo ao trazer a representação informada nas relações sociais. Existem traços de desordem da percepção, mas trataremos sobre o tema no terceiro capítulo. Nós estamos lidando com questões complexas e dores muito antigas de indivíduos que não puderam participar necessariamente desse debate social, foram apenas atropelados por ele, há muito tempo atrás. O fator explicativo de desencaixe é um instrumento de transformação na vida dos que procuram e representam na cirurgia preencherem a falta, mas o eixo do discurso alimentado está nas ideias consagradas na natureza, que são retroalimentados. Nos parece que entender quais ligações o discurso faz com o laço social, pode contribuir para uma posição bastante interessante, ou seja, um terceiro incluído<sup>18</sup>.

[...] a ação da lógica do terceiro incluído sobre os diferentes níveis de Realidade induz uma estrutura aberta, gödeliana, do conjunto dos níveis de Realidade. Esta estrutura tem um alcance considerável sobre a teoria do conhecimento, pois implica na impossibilidade de uma teoria completa, fechada em si mesma. [...] Este processo continuará ao infinito, sem jamais poder chegar a uma teoria completamente unificada. [...] o conhecimento está aberto para sempre. (NICOLESCU, 1999, p 52).

Contra quaisquer desvios da chamada norma-padrão em que se receite solucionar os entendimentos subjetivos pelo viés de uma solução pelo (re)encaixe - curioso talvez o fato de no Irã se condenar homossexuais, mas não se o homossexual aceitar a correção corporal; ou na Tailândia, onde a busca pelos padrões do corpo é desde muito cedo incentivada para adequarem-se aos processos hormonais e cirúrgicos (HAMEDANI, 2014). Aliviar o sofrimento do indivíduo e trabalhar a sensação deste em estar se percebendo num corpo errado, é olhado por vários especialistas como um problema que acentuaria o sofrimento - estaríamos negando o que o indivíduo tem de entendimento sobre a percepção de si - pondo-o em situação de violência por ser colocado em

---

<sup>18</sup> As descobertas da física quântica no século XX contradisseram as lógicas da física clássica e formula uma nova lógica, chamada por Nicolescu (1999) de lógica do Terceiro Termo Incluído. Podemos visualizar essa lógica do seguinte modo: 1. O axioma da identidade:  $A \text{ é } A$ ; 2. O axioma da não-contradição:  $A \text{ não é não-}A$ ; 3. O axioma do terceiro incluído: existe um terceiro termo  $T$  que é ao mesmo tempo  $A$  e não- $A$ . (NICOLESCU, 1999).

dúvida sobre a narrada idealização, mas, mudar o corpo, ofertar tratamentos químicos e cirúrgicos, é enfatizado como uma opção que traria a harmonia ao indivíduo da queixa. Pouco encontramos na literatura especializada reflexões que problematizam essa mudança por meio da cirurgia de troca de sexo, são poucas as produções neste sentido dos efeitos de médio e longo prazos, e mais raro ainda, é encontrar produções que falam de metodologias para reverter a imagem que a pessoa tem de si. Vamos fazer uma analogia do caso transexual e uma pessoa anoréxica para tentar explicar algumas dúvidas que surgem quanto a essa questão subjetiva da percepção de si: a/o anoréxica/o se percebe como um indivíduo gorda/o mas na percepção coletiva, marcada no real do corpo, ela/ele é entendida/o como uma pessoa que está esquelética/o, e nenhuma indicação dos especialistas trabalham com a hipótese de se sugerir a esse indivíduo uma cirurgia para injetar gordura ou vise criar políticas para adequar o corpo a maneira percebida. A questão aqui acentuada é de que necessitamos entender melhor o que realmente significa uma ideia de negar algo no corpo, pensar em uma saída para problematizar esse enviesamento soldado aos fatores que tecem a urdidura social. A anorexia também tem suas marcas na história dos conventos/mosteiros, que para alcançar o contato com o sagrado jejuavam como forma de purificação (CORDÁS, WEINBERG, 2002). Não estamos aqui considerando valores entre transexualidade e anorexia, mas problematizando os rituais apresentados como solução as pessoas que sofrem disso que conhecemos como transexualidade. Os indivíduos têm autonomia e não queremos reforçar o contrário, jamais. Estes devem ser respeitados e não lesados por seus desejos, tampouco, maltratados. O que trazemos é que pode existir outras alternativas para resolverem conflitos que a pessoa esteja representando para aliviar o sofrimento, mas, para que isso ocorra, precisamos estar abertos para o debate de opiniões diferentes. Compreender fenômenos que nascem e tornam-se sintomas coletivos, e entender se o que está sendo demandado na representação é de ordem individual ou uma patologia social, é urgente. Vejamos o caso da xenomelia que carece ser melhor compreendido para além da concretude cirúrgica acompanhada, permitindo outras possibilidades para esse Transtorno de Identidade de Integralidade Corporal (TIIC). Surgido na década de 70, tem como demanda a busca por retirar partes do corpo justificados pela via da percepção de si. Há casos de partes arrancadas propositalmente pelo próprio indivíduo - paraplegia fabricada intencionalmente, auto cegueira - que justificam pura e simplesmente uma percepção própria (MORETTO, 2015). Qual é o paralelo que podemos tecer entre esses casos e aqueles que representam o sexo negado? O corpo

é uma abstração e suas bordas correm risco por outra alienação, a de mercado; já que o valor dessa demanda é quem pode ser mais diferenciado, o corpo é uma obra a ser moldada. A percepção de si pode ser uma das artimanhas do mercado intelectual, mas não devemos aprisionar o corpo já preso à pele e às insígnias do social e, sim, precisamos nos perguntar o que quer esse corpo comunicar com essa materialidade informada pelo laço social. São casos distintos e bem diferentes os tratados até aqui, pois, enquanto um fala da nossa falta de compreensão sobre a pluralidade dos sexos, o outro nos mostra um problema que precisa ser tratado: a final, as pernas têm outro valor produtivo já o sexo de nada vale, ou melhor, vale para o mercado do fetiche sexual. A homossexualidade gerou narrativas que reiteram o mito do sexo<sup>19</sup>, passemos então a abordar um pouco desse histórico que reforçou uma identidade trans no Brasil, e quais foram as diretrizes tecidas na trama do corpo social.

---

<sup>19</sup> No programa Café Filosófico Márcia Tiburi produz uma reflexão sobre a condição de ser mulher em contraposição a representação feminina, e a interface entre o sexo e o poder. Para a filósofa, a narrativa do mito do sexo alimenta os papéis, estabelecendo sua função na subjetividade humana. (TIBURI, 2006).

### **3 A QUESTÃO DE HERA A TIRÉSIAS: \_ DOS SEXOS QUEM GOZA MAIS, O HOMEM OU A MULHER?! O MOVIMENTO IDENTITÁRIO DA TRANSEXUALIDADE**

A questão da diferença sexual está enredada desde os mitos gregos, e aquele que opera na figura de Tirésias talvez tenha sido a mais simbólica da representação idealizada dessa fantasia que circunda a dúvida primordial das/os históricas/os: qual dos sexos têm mais prazer? Hera defendia a ideia de que o sexo do homem é o que detinha a maior parte do prazer carnal numa relação, já Zeus questionava essa premissa e dizia que era o sexo da mulher que gozava mais dos prazeres do corpo. Hera, sabendo da experiência mágica de Tirésias, convoca-o para solucionar o enigma, este, por sua vez, responde que em uma escala “das dez partes do prazer, o homem apenas tem uma” e a mulher a sua totalidade. É por esta enunciação que Tirésias é castigado perdendo a visão, mas Zeus o recompensou com os dons proféticos que logo iria atravessar a ilha de Tebas, desvendando o oráculo dos caminhos de Édipo. Portanto, o enigma da diferença sexual que atravessou a era Clássica e recebeu significativa atenção da psicanálise - tendo o entendimento de que o real do corpo não faz inscrição no inconsciente - ainda é preponderante na atualidade, sobretudo, pelo deslocamento do discurso que essa falta opera na vida transexual. A figura transexual não é similar a de Tirésias, pois este veio a passar por uma transfiguração mágica do corpo, mas o movimento que nele é acentuado se aproxima da questão indagada por Hera; ocorre que, o convocado a resolver a demanda da dúvida desse desentendimento é o cientista, ocupando a figura do significante mestre detentor de uma verdade. Um sintoma surge e a pergunta se coloca na manifestação da insatisfação, a queixa transexual que muito se aproxima do discurso histórico sobre o real do sexo, ou seja, do valoroso objeto faltoso da pulsão, pode ocupar o lugar da falta e demandar uma solução ao cirurgião. Sabemos que a histórica é ativa a promover transformações nas escalas dos discursos, desta forma é quem produz a diversidade da sexualidade humana. A satisfação sexual, impossível de ser representada pela linguagem no simbólico, deseja ocupar o lugar do outro e tão somente dirige o discurso ao mestre, seja este qual for, ciência psicanálise, religião. O discurso criado e nutrido pela histórica demanda um saber sobre o sexo para depois o destituir, pois, o que a histórica sustenta é que não há um saber possível sobre a diferença sexual (LACAN, 1992). Assim a posição que Lacan (1992) fornece ao discurso histórico que questiona o discurso do mestre, produz um discurso onde a falta é o que se coloca impossível de ser representado, apreendido pelo significante do “objeto a”, e que fará

furos na cadeia significativa. Como que no circuito da diferença entre um conceito e uma expressão verbal, esta última condensa tão somente em letras, sílabas, uma palavra que será base apenas para comprimir a dinamicidade daquilo que é capturado em essência, o conceito, que, por sua vez, é impossível de ser representado para além dos signos linguísticos que cada sociedade mantém. A questão da transexual que pede por uma resposta hormonal e cirúrgica ao saber técnico-científico parece caminhar conjuntamente com a indignação de Hera em não aceitar que numa cultura em que o *Phallós* é predominante, só na questão do sexo a mulher tenha sido recompensada pelo imaginário - símbolo das dúvidas que marcam a relação entre os sexos, à mulher faltaria um gozo visível e, portanto, constatável de ser entendido como satisfatório.

A transexualidade no século XXI vem recebendo da mídia certo lugar de destaque, seja relacionado ao tabu, valendo-se de certos tons de exotividade, seja pautado numa suposta preocupação com a nascença de determinantes biológicos que, em desacordo com o sentimento do indivíduo, se transformam num sofrimento psíquico, podendo ser amenizados por uma solução procedida pela alteração corporal. Hoje, mais do que em outras décadas, há uma fabricação de diretrizes ligadas a transexualidade e os discursos frequentemente utilizados são de ordem metafísica, quando não justificadas pelo viés construtivista. Ou seja, o corpo masculino que nasceu com uma alma feminina (ou o inverso) sofre de um desencaixe de ordem espiritualista; ou, que o sofrimento apresentado pelos agentes com este diagnóstico coaduna com o que tal e qual sociedade alimenta enquanto diferenças perpetradas pelos discursos construídos pela ciência que tecem o tecido social, biologizante e normatizante, que, por sua vez, é determinante na produção de sofrimento a algo que nasceu ocupando um corpo errado. Portanto, seria natural aceitar essa condição das diferenças de percepção pela alteração corporal, de acordo com os sentidos vigilantes que operam no laço social. Não há nenhuma evidência biológica de comportamento transexual ou qualquer diagnóstico de não pertencer ao corpo acentuarem um sofrimento. Das ciências investigadas o material nos demonstra que poucos, para além dos produzidos pelas ciências humanas e da saúde mental, dando destaque para a psicologia, têm ou apresentam descobertas que levariam a crer que a transexualidade é uma questão biológica. Entretanto, os estudos voltados à observação das narrativas produzidas por agentes que são atendidos em clínicas especializadas sobre o tema, incluem novas descobertas que chamaram a atenção desta pesquisadora para diagnósticos precoces (ASSOCIATION FOR PSYCHOLOGICAL SCIENCE, 2015). Alguns abordam que há crianças de 3-4 anos que manifestaram

tendência de exteriorizar que não pertencem ao corpo, ao sexo biológico. O que nos leva a questionar que, entre os 3-4 anos, por exemplo, crianças costumam brincar com seus/suas amiguinhos/as imaginários, ou seja, colocar a possibilidade de uma suposta maturidade aos 3-4 anos que falaria do sexo, é um viés um tanto quanto complicado (VELLUDO, SOUZA, 2015). Muitas produções sobre o comportamento humano concordam e sinalizam que não há maturidade cognitiva aos 3-4 anos, também, que é típico de um ser que está sendo inserido e apresentado ao mundo enunciar muitas falas desalinhadas com o princípio de realidade. Não obstante, indicam a importância dos pais que servirão de parâmetros a esta criança e devem, de certa forma, protegê-la para não fazer tudo o quiser, porque ela pode se machucar, pode entrar em contato com materiais que ponham em risco sua própria vida. Uma criança não tem noção de perigo, então cabe aos adultos protegê-las. Lógico que é pela via dessa proteção educativa que serão repassados e perpetrados certos conceitos, incluindo os éticos, morais e religiosos. Sim, é assim que ocorre desde que o mundo social nos é apresentado. Somos influenciados desde antes de nascer, mas acontece que não se tem consciência disso, é uma influência inconsciente que acontece desde o momento da geração, da junção do espermatozoide com o óvulo. Somos influenciados desde a infância, só que muitas vezes não sabemos dessa extensão, então como dizer que é genuíno e maduro uma criança proclamar-se pertencente a tal ou qual sexo? Mas, passemos a considerar os fatores que dão luz a esse fenômeno social apresentado, observando como foi construído o laço cientificista sob o corpo e como ele operou no tecido social.

O primeiro ensaio sobre as patologias sexuais que classificam o distúrbio como um desvio alinhavado a um certo desconforto entre o sexo anatômico e o sexo entendido psiquicamente, foi o dos médicos Magnus Hirschfeld e Henry Havelock Ellis. Estes descreveram o sintoma transexualismo psíquico e travestismo, definindo assim um quadro de desconforto provocado por um desvio sexual que apresentavam os masculinos de sua época, os invertidos sexuais, que possuem temperamentos excêntricos e gostos fúteis, apontando para uma inteligência elevada para os padrões, quando não, de também serem iguais as prostitutas. Numa passagem do livro *Psicologia Sexual*, Ellis (1971, p. 156-157), descreve os invertidos sexuais da seguinte maneira:

Os próprios médicos muitas vezes se referem aos invertidos como uma classe “efeminada”. [...] São física e mentalmente lassos, ciosos de si mesmos, fúteis, amantes de joias e ornamentos. Esses homens têm os gostos das prostitutas e em alguns

casos se tornam realmente prostitutas do sexo masculino. [...] é típica da feminilidade. Na verdade, um grande número de invertidos são excepcionalmente requintados, sensíveis, ou emotivos, porém o mesmo pode dizer-se de muitas pessoas levemente neuróticas que não são homossexuais.[...]

No contexto dessas construções teóricas sobre os invertidos, e não ao acaso, tendo em vista a corrida cientificista sem parâmetros bioéticos que aqueles que se identificavam como portadores de um saber podiam construir com certa facilidade, nasciam pesquisas de todas as sortes, procurando o aperfeiçoamento de técnicas sobre o corpo - o período entre guerras – período que a cirurgia de transgenitalização nascera como uma espécie de emasculação que buscava uma solução via a alteração do sexo anatômico (GRANT, 2010). Esta patologia recebeu fortes investidas de Harry Benjamin<sup>20</sup> que elaborou um quadro endocrinológico corroborando para o sentido do diagnóstico psicológico desse desvio - até hoje servindo de guia aos psiquiatras para os diagnósticos de disforia/incongruência de gênero - e enumerou em escala de progressão, do fetichista ao verdadeiro transexual, conforme o nível de “desconforto/infelicidade” apresentada pelo agente biologicamente incomodado com seu sexo. Benjamin, então, proclama a patologia do transexual como alguém que tem uma identidade psicológica, percepção de si, como homem ou mulher, defendendo que a diferença entre uma travesti para um/a transexual era o desejo pela adequação corporal genital. Desta forma a retificação corporal passa a ser operada pelo campo médico-psiquiátrico como uma categoria nosográfica pautada numa tabela enunciada com nuances valorativas, que vai da perversão fetichista ao “genuíno” desejo de entender-se de um sexo diferente. Os critérios para o diagnóstico levam em consideração fatores discursivos apresentados como queixa que persistam por mais de seis meses. Em crianças os sintomas devem estar com vistas aos seguintes investimentos: (i) desejo persistente de que pertencem ao outro sexo; (ii) uma preferência forte para vestir roupa feminina/masculina “típica” do sexo oposto e o desagrado ou recusa para vestir a roupa do sexo biológico; (iii) fantasiar sobre modelos opostos aos papéis sexuais vigentes e demonstrar preferências por brinquedos ou atividades típicas do sexo

---

<sup>20</sup> Harry Benjamin nasceu em Berlim. Doutorado em medicina em 1912, sua formação era em infectologia, mas, interessava-se por medicina sexual. O livro *The Transsexual Phenomenon* em 1966 foi sua obra mais conhecida onde utiliza o termo 'transexual' que foi utilizado em 1923 por Magnus Hirschfeld.

oposto.(iv) preferência para companheiros de brincadeira do sexo imaginado; (v) desejar adquirir as características do sexo oposto. Já nos adultos ou nos adolescentes as características são: (i) desejo persistente de livrar-se das características sexuais; (ii) desejo forte por características de sexo oposto; (iii) convicção de que os sentimentos estão em desacordo com o sexo biológico (GRANT, 2010).

Pierre-Henri Castel (2001) divide a história do “fenômeno transexual” em quatro fases, subdivididas por duas correntes teóricas: a primeira, é estabelecida pelos discursos psicanalíticos, endócrinos-sociológicos e, a segunda, a partir das produções da sexologia e endocrinologia de Benjamim - estudos da Associação Internacional de Disforia de Gênero. As fases foram divididas por períodos que vão das produções da psicanálise e da sexologia, 1910 - 1920, apontando para certas preocupações acerca da visão distorcida no tecido social que percebia as práticas homossexuais com traços fortes de moralidade, e os saberes interpretavam a temática a fim de combater esses valores pela tentativa de desconstruir o entendimento de perversão negativa, ligada aos sujeitos que escapavam do “coito natural”. A segunda fase se estabelece pelos estudos da endocrinologia e da biologia, 1920 - 1930, em oposição às teorias psicanalíticas, vista como simplista e sem fundamento científico pelo crescente entusiasmo do behaviorismo endocrinológico. É nesse período que a materialização do que vem a ser chamado de fenômeno transexual e a ideia sociológica de identidade sexual, tomam a forma no que ficou conhecida após os trabalhos de John Money<sup>21</sup> e Robert Stoller, como identidade de gênero. A terceira fase, que vai das décadas de 1950-1960, já temos a cirurgia de redesignação sexual estabelecida, o que contribuiria para resolver os processos de anomalias como as apresentadas pelos intersexuais, e as variadas produções sociológicas, antropológicas e psicológicas indicavam o fenômeno transexual como um objeto de estudo de relevância e apontavam para a flexibilização da identidade sexual (CASTEL, 2001). A cirurgia é percebida e enunciada como uma técnica a serviço da saúde mental, voltada aos invertidos sexuais, homossexuais, pelo sofrimento causado pela identificada disforia de gênero. A quarta fase, segundo Castel (2001), se dá desde a metade da

---

<sup>21</sup> John William Money foi médico, sexólogo e psicólogo, desenvolveu pesquisas na ideia de identidade sexual e biologia de gênero. Destacava a fluidez sexual e problematizava as construções sociais pautadas pelo gênero que atravessam os indivíduos. O caso de Bruce, colocou sua carreira em xeque e seus estudos ficaram comprometidos a partir das investidas de David Reimer, antes do suicídio.

década de 70, tendo como principal pauta o processo de despatologização do transexualismo e as produções literárias contrárias à psicanálise. Não será necessário dar destaques a esta questão, pois, não é disso que se trata o segundo capítulo, apenas estabelecer um quadro cronológico, apontando os trabalhos já realizados e referenciados sobre o tema, como o de Castel (2003) e o da Hausman (1994), que nos fornecem pistas para a apreensão dos sujeitos que se identificam com esses apetrechos teóricos e que vão incidindo mudanças no tecido social. O corpo desejado passa a operar no laço social como um meio de possibilidade a partir do enquadramento da cartilha do “verdadeiro transexual”, e esta passa a legitimar, até a atualidade, os diagnósticos de incongruência de gênero.

No Brasil, é somente na década de 1960 que um termo até então marginalizado recebe traços que impulsionariam a uma identidade política. O termo travesti que era incorporado àqueles identificados como indivíduos performativos a serviço de shows de transformismo em espaços fechados, voltados ao público homossexual, sobretudo aquele que era uma figura típica do carnaval, recebeu um sinal de que não está só no mundo e foi colocado em contraponto um novo termo em voga na Europa e nos EUA, a/o transexual. Um dos símbolos deste período que trouxe uma outra possibilidade terminológica, pode ser deflagrado com a entrada da francesa Cuccinelli (1931-2006) que provocou a curiosidade de muitos brasileiros que não compreendiam tão bem o que era essa coisa chamada de transexual - a dançarina transexual, forma que foi apresentada pelos jornais da época (LUCON, 2012). A questão brasileira só reconhecia no termo travesti (PEDRO, MENDES, 2017), carregado de certas nuances pejorativas e vinculadas a homossexuais, os “verdadeiros gays”; os que se vestiam de maneira dita como extravagante, valendo-se da montagem feminina para realizarem a prostituição, mas, que estavam distante desse estereótipo da transexualidade, que carregava aspectos vinculados a um distúrbio que apresentava solução - diferente do conceito que vestia o travesti ou o transformista, atrelados aos pervertidos do teatro e a shows exóticos.

Veras e Guasch (2015, p. 45) tecem as relações que perpassam os modelos identitários interpretados pelo discurso heteronormativo:

[...] como experiências que extrapolam o binarismo masculino/feminino, levando alguns/as a falarem em “terceiro sexo”, as travestilidades transbordaram ainda o modelo “bicha/bofe”, que definiam as relações homoeróticas no Brasil até a década de 1970. As experiências dos sujeitos travestis foram consideradas “excessivas”,

inclusive, pelo discurso de construção da igualdade levado a cabo pelo nascente movimento homossexual brasileiro, tão próximo do modelo de homossexual assumido norte-americano, tão distante da bicha, do afeminado, da travesti extravagante brasileira.

Não é sem importância mencionar que os indivíduos que produziam/participavam desses espetáculos eram financiados para realizarem shows fora do Brasil, em especial na França, e já transitavam em espaços cosmopolitas onde a discussão sobre a transexualidade tinha lugar - há registros de brasileiras que haviam feito suas transformações corporais fora do país. Mas é somente em 1971 que aparece nas manchetes dos jornais o escândalo anunciando a primeira cirurgia de mudança de sexo feita no Brasil (ROSSI, 2018). Realizada por um cirurgião plástico de renome, Roberto Farina, no Hospital Oswaldo Cruz, o caso da transexual Waldirene, que “realizava o sonho de estar inteira” após a cirurgia, foi do céu da realização pessoal ao inferno da tirania do Estado. A questão ficou conhecida pela mídia após a intervenção do Ministério Público de São Paulo que denunciou Farina por lesão corporal gravíssima, condenando-o à prisão e perseguindo suas credenciais, pois ele havia “passado dos limites” com procedimentos dessa natureza. A vítima, no caso a desejante, teria tido os seus órgãos masculinos retirados numa operação, o que seria ultrajante, pois seu pênis é um "bem físico, inalienável e irrenunciável", tutelado pelo Estado.

Em 17 de outubro de 1978, o jurista Heleno Cláudio Fragoso proferiu parecer sobre o caso Waldyr N. (Waldirene), onde entendeu que o cirurgião plástico Roberto Farina, condenado a dois anos de reclusão sob alegação de ter infringido o disposto no art. 192, § 2o, III, do Código Penal brasileiro, atuou estritamente dentro dos limites do exercício do direito (art. 23, III do Cód. Penal), não praticando crime algum. (VIEIRA, 2000, p.93).

A descoberta do caso promoveu sanções proibitivas para realizações de cirurgias dessa ordem, que se seguiram impedidas até 1997, quando:

[...] em 10 de setembro de 1997, o Conselho Federal de Medicina, através da Resolução 1.482/97, resolveu autorizar, a título experimental, em hospitais universitários ou hospitais públicos

adequados à pesquisa, a realização de cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de transexualismo. (VIEIRA, 2000, p.93).

É entre o operar de um conceito vigente, travesti, e as primeiras possibilidades apresentadas pela entrada do termo transexual, inclusive com a possibilidade de realizar o diagnóstico e o acompanhamento ambulatorial, que começa a solidificar no Brasil um novo significante, fornecendo sentido aos discursos de desencaixe, que vai provocar uma divisão no próprio movimento GLS, que até meados de 1990 operou sem mencionar essas questões identitárias. Para Simões e Facchini (2009) os conceitos passam a ser identitários, travestis e transexuais, a partir do deslocamento que esses agentes fizeram quando foram acolhidos pelo movimento homossexual de luta contra a AIDS. É em 1990, conforme Carvalho e Carrara (2013), que as primeiras organizações de travestis surgem no Brasil se instituindo como movimento identitário, visando o enfrentamento à violência policial e a prevenção às infecções sexualmente transmissíveis, especificamente a AIDS (CARVALHO, CARRARA, 2013).

Pela via da Constituição Federal, 1988, que coroou a legitimidade da sociedade civil organizada para atuar participativamente deliberando sobre a política de Estado, e fomentar políticas públicas que supram as necessidades de comunidades, grupos associativos, é que, pela via da saúde, o problema apresentado pela Aids, demandou uma participação racional do movimento social organizado de travestis a se estabelecerem politicamente, o que configurou no cenário nacional uma forte bandeira política que logo trouxe avanços. Podemos citar a questão resultante dessa incidência política que trata a cartilha do usuário do SUS (2006) promovendo o respeito à dignidade humana, convocando os profissionais públicos de saúde a não mais identificar um indivíduo por um número ou nome de registro, mas, que este pudesse ser identificado pelo nome social que porventura apresentasse como desejo de ser chamado. Conforme define a PORTARIA Nº 675/GM – 30/03/2006 - CARTA DE DIREITOS DOS USUÁRIOS DO SUS; “TERCEIRO PRINCÍPIO”:

[...] É de direito do cidadão atendimento acolhedor na rede de serviços de saúde de forma humanizada, livre de qualquer discriminação, restrição ou negação em função de idade, raça, cor, etnia, orientação sexual, identidade de gênero,

características genéticas, condições econômicas ou sociais, estado de saúde, ser portador de patologia ou pessoa vivendo com deficiência, garantindo-lhes:

I – a identificação pelo nome e sobrenome, devendo existir em todo documento de identificação do usuário um campo para se registrar o nome pelo qual prefere ser chamado, independentemente do registro civil, não podendo ser tratado por número, nome da doença, códigos, de modo genérico desrespeitoso ou preconceituoso [...] (BRASIL, 2006).

A intensificação da participação do movimento de travestis e transexuais, entendida como atuação em espaços públicos de interlocução com o Estado, ao instituir vários dispositivos de diálogo, especificamente com a saúde, fez operar a chave para uma mudança de paradigmas, levando em consideração que até 1997 a cirurgia no Brasil era considerada um crime de lesão corporal - resquícios do caso tratado acima - a situação muda e a cirurgia de mudança de sexo passa a ser implantada com um conjunto de estratégias assistenciais para transexuais que pretendiam realizar modificações corporais, incluindo o sexo (REIS, 1998). Os serviços passaram a ser ofertados a partir de pareceres médicos e realizados em alguns hospitais escola - vinculados a Universidades brasileiras - neste período ainda poucos hospitais tinham interesse pela prática, destacando-se o hospital das Clínicas de POA/RS; em São Paulo, o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (HC) e o Hospital das Clínicas de Campinas, que realizaram gratuitamente a cirurgia, desde 1998, um ano após o Conselho Federal de Medicina autorizar sua execução, em caráter experimental.

O número de associações da sociedade civil organizada com intuito de fortalecer mulheres transexuais e travestis no Brasil cresceu exponencialmente, recebendo destaque e incentivos internacionais que, pelo viés da AIDS, financiavam projetos de qualificação e atuação política para modificarem a realidade social de risco vivenciada por esses agentes. Destacamos aqui que a participação de homens transexuais neste período era mínima e podemos ainda dizer quase nula. Em 1992 na cidade do Rio de Janeiro nasceu a Associação das Travestis e Liberados do Rio de Janeiro – ASTRAL no sentido de combater o abuso de poder que ocorria naquele estado por parte de alguns policiais. Neste período desenvolviam o projeto “Saúde na Prostituição”, voltado à prevenção das DSTs, visando a entrega dirigida de insumos de prevenção (camisinhas

masculinas e géis lubrificantes), fornecidos gratuitamente por meio dos programas de AIDS. Foi também a própria ASTRAL que implementou, com o intuito de conhecer e problematizar as realidades brasileiras, o primeiro “Encontro Nacional de Travestis e Liberados na luta contra AIDS”, que teve como tema “Cidadania não tem roupa certa”. A partir deste, uma série de outras instituições se fortaleceram e, em 1994, em Curitiba/PR foi inaugurado o Grupo Esperança, coordenado por Laysa Minelly. Na sequência, a Associação de Travestis de Salvador/BA – ATRAS; a Associação de Travestis da Grande Florianópolis/SC - ADEH Nostro Mundo; o Grupo Igualdade, coordenado por Marcelly Malta, em Porto Alegre/RS; e, a Associação de Travestis na Luta pela Cidadania (Unidas), em Aracaju/SE. Ao mesmo tempo, surgem outras demandas que buscavam por fortalecer trabalhos em Redes de solidariedade, de caráter nacional, como foi o caso da Rede Nacional de Travestis e Liberados (1994) que passou a ser reconhecida como RENATA, Rede Nacional de Travestis, em 1995. Logo após veio a Articulação Nacional de Travestis – ANTRA, constituída em dezembro de 2000 (CARVALHO, CARRARA, 2013). Até o início dos anos 90 o movimento homossexual brasileiro não aderiu formalmente às questões Trans, foi só a partir de 1995, no oitavo Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas, que se deliberou pela criação da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis – ABGLT que a terminologia travesti apareceu como identidade e foi incorporada ao tema de luta do movimento (SIMÕES, FACCHINI, 2009). Abaixo um apanhado histórico das principais agremiações estaduais que, por sua vez, demandaram encontros temáticos nacionais que culminaram em redes associativas. O termo travestis recebeu destaque, descolando-se da temática de orientação sexual, em 1997, e, transexuais, em 2000.

Tabela 1: Classificação sistematizada por Bárbara Graner em exposição na USP.

| <b>REPRESENTAÇÃO<br/>POLÍTICA -<br/>HISTÓRICO</b> | <b>ENCONTROS<br/>NACIONAIS</b>   | <b>REPRESENTAÇÕES<br/>POLÍTICAS - REDES<br/>NACIONAIS</b> |
|---|--|---|
| Grupo SOMOS –<br>São Paulo/SP (1978);             | I Encontro Brasileiro<br>de Homossexuais -<br>EBHO (1980 – São<br>Paulo - SP): 08<br>grupos; | CFL (1990) – Coletivo<br>Feminista Lésbico                |

|  |  |  |
|--|--|--|
| Grupo Gay da Bahia – GGB – Salvador/BA(1980);  | II Encontro Brasileiro de Homossexuais – EBHO (1984 – Salvador - BA): 05 grupos;             | ABGL(1995) – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros; |
| Coletivo Feminista Lésbico – CFL – São Paulo/SP (1990);  | III Encontro Brasileiro de Homossexuais – EBHO (1989 – Rio de Janeiro - RJ): 06 grupos;      | ANTRA (1999) – Articulação Nacional de Travestis e Transgêneros;                 |
| Associação de Travestis e Liberados que lutam contra a AIDS – ASTRAL – Rio de Janeiro/RJ (1992); | IV Encontro Brasileiro de Homossexuais – EBHO (1990 – Aracaju - SE): 06 grupos;              | LBL(2003) – Liga Brasileira de Lésbicas;   |
| ADEH – Associação em Defesa dos Homossexuais Florianópolis/SC (1993);                            | V Encontro Brasileiro de Homossexuais – EBHO (1991 – Recife - PE): 06 grupos;                | CBB (2005) – Coletivo Brasileiro de Bissexuais;                                  |
| Grupo Brasileiro de Transexuais – GBT – Curitiba/PR (1995);                                      | VI Encontro Brasileiro de Homossexuais – EBHO (1992 – Rio de Janeiro - RJ): 11 grupos;       | CNT (2005) – Coletivo Nacional de Transexuais;                                   |
| Fundação da Associação Brasileira de Gays e Lésbicas – ABGL – Curitiba/PR (1995);                | VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais – EBLHO (1993 – Cajamar - SP): 21 grupos; | REDETRANS Brasil (2009) - Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil               |

|   |   |  |
|---|---|--|
| Acréscimo da representação de travestis na ABGL, tornando-se Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis – ABGLT – São Paulo/SP (1997); | I Encontro de Gays e Lésbicas que Trabalham com AIDS e VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas – EBGL (1995 – Curitiba): 84 grupos;               |  |
| Estabelecimento do atual nome da ABGLT: Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros – Manaus/AM (2003).                              | 17ª Conferência da ILGA – International Gay and Lesbian Association, fundada em 1978: (1995 – Rio de Janeiro – RJ: 450 grupos – 1.200 participantes); |  |
|   | X Encontro de gays, Lésbicas e Travestis – EBGLT (2001 – Maceió – AL);  |  |
|   | XI Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros – EBGLT (2003 – Manaus – AM)  |  |

Fonte: Elaborado pela autora.

Entretanto, apenas em 2000 o termo transexual foi adotado pelo movimento de travestis, e uma das figuras emblemáticas para essa problematização do termo sobre a transexualidade veio por meio do Coletivo Nacional de Transexuais – CNT, coordenado por Bárbara Graner. O conceito sempre foi muito problemático internamente por representar certos estereótipos performáticos (o da mulher ideal), criando assim uma animosidade interna que resistiam às “regras” que o termo sustentaria - sendo chamadas de higienistas as transexuais que defendiam essa identidade. Essa questão de higiene fazia relação com os laudos que identificavam a figura verdadeira da transexualidade e, também, pela

interlocução “positiva” que as transexuais tinham com os ambulatórios hospitalares das escolas autorizadas a realização do processo. Os debates internos atravessavam jargões apontando diferenças, como “primas ricas e primas pobres”, por conta de uma certa característica de recorte educacional e, talvez, de classe que as proclamadas transexuais representavam. Essas animosidades internas dizem da criação separada desses termos e do padrão inscrito sobre cada uma dessas identidades - não à toa as discussões nutriam tons discursivos violentos, as travestis utilizavam-se de termos pejorativos, “castrada, homem doente”, e dessa forma a relação ficava insustentável, o que fez afastar as transexuais do CNT desse cenário de luta conjunta com o movimento GLBT<sup>22</sup>, conduzindo-as para diálogos com outros movimentos, como no caso, os feministas. Talvez isso tenha acelerado o processo de incidência política apontado pelos resultados favoráveis ao estabelecimento de uma política pública chamada processo transexualizador. Foi o CNT, que com seu forte protagonismo político, o interlocutor responsável em 2007 pela inclusão de transexuais na construção do Plano de Enfrentamento à Feminização da Aids, discutindo o termo “mulheres que vivenciam a transexualidade” dentro das pautas específicas que diziam respeito, até então, somente ao universo do corpo biológico feminino, operacionalizado pela pasta Saúde da Mulher. Diz o Plano:

[...] as estratégias do Plano devem contemplar as mulheres e suas especificidades: gestantes; mulheres vivendo com HIV e aids; adolescentes e jovens; lésbicas, bissexuais e outras mulheres que fazem sexo com mulheres; transexuais, negras; [...] (BRASIL, 2007).

Historicamente, o grupo populacional de mulheres que vivenciam a transexualidade tem sido relacionado como integrante da categoria epidemiológica HSH (Homens que fazem Sexo com Homens), composta por homossexuais, homens que fazem sexo com homens e travestis.

---

<sup>22</sup> Segundo FACCHINI as variações do termo usado para a diversidade no Brasil, atualmente, é LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Mas outras variáveis podem ter um i para intersexual; um c para curioso; um a ou um s para aliados ou simpatizantes. As alterações da terminologia GLS, GLB, GLBT veio ocorrendo de forma gradual, a fim de valorizar politicamente as identidades sexuais, sendo que, em junho de 2008, foi aprovada na 1ª Conferência Nacional GLBT, a valoração de mulheres Lésbicas, deslocando o termo para LGBT. (FACCHINI, 2012).

Isso se deve ao fato de que a sociedade, como um todo, não reconhece a identidade de gênero vivida por essas pessoas (independentemente de seus órgãos genitais de nascimento), bem como o fato de que a transexualidade tem sido equivocadamente considerada um rótulo identificador. Deslegitima-se, assim, a identidade de gênero feminina experienciada por esse grupo populacional específico. Tal contexto resulta na errônea concepção de que essas pessoas não são mulheres, mas “homens que querem mudar de sexo [...]” (BRASIL, 2009, versão revisada).

Este ganho de reconhecimento político conduzido pelo discurso de uma “mulher” que estava temporariamente presa sob o corpo (uma pele) masculino, de permanência temporária, transitória, por isto o gerúndio, vivenciam, trouxe à baila o diálogo com a recém instituída Secretaria de Políticas para as Mulheres que, por sua vez, fortaleceu a comunicação com o Ministério da Saúde, que compreendeu legítimo o tema da transexualidade e, como questão de saúde pública, decretou o processo transexualizador do SUS (Portaria Nº 457, de agosto de 2008). Em novembro de 2013, o Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 2.803, ampliou o processo transexualizador, incluindo procedimentos para redesignação sexual dos homens transexuais. Para ambos os sexos, a portaria estabelece que a idade mínima para o início do tratamento seja a de 18 anos para procedimentos hormônio-terapêuticos. Os procedimentos cirúrgicos só podem ser realizados a partir dos 21 anos, pois, por ser irreversível, é preciso que o/a paciente faça uma série de terapias por, ao menos, dois anos para ter então o laudo psiquiátrico de diagnóstico de incongruência de gênero. O número de hospitais credenciados para esse tipo de demanda foram ampliados e listamos aqui para fins de conhecimento: “Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO); Hospital de Clínicas de Porto Alegre, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre (RS); Hospital Universitário Pedro Ernesto, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (RJ); Fundação Faculdade de Medicina, da Universidade de São Paulo (USP); e Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife (PE). (BRASIL, 2013).

Fornecido esse breve histórico, queremos problematizar o tema dessa questão chamada identidade política que tem sido motivo de discórdia, conflitos. Alguns ramos da antropologia entendem a identidade como uma construção social e, sobretudo, como um fenômeno

contrastivo; ou seja, o “Eu” cria sua identidade por contraste a alguém, mas essa não é essencial e definitiva, é alternativo, permitindo o trânsito (CARNEIRO, 2013). O “Eu” pode mudar de identidade dependendo do local e da situação; em um lugar o “Eu” é uma característica da profissão, noutro local é interativo ao afeto (mãe, pai, jovem, namorado...), elástico a depender do contexto relacional e político. Entretanto, a atualidade tem supervalorizado a identidade ao ponto de virar um fenômeno valorativo, constroem-se barreiras determinando posições de mundo que apenas quem esteja sob essa insígnia poderia dizer e falar sobre tal e qual assunto, não permitindo o tráfego de um lugar para o outro - vimos acima a questão que separa as identidades travestis daquelas transexuais (SENKEVICS, 2017). O que, por sua vez, gera no seio dos movimentos sociais uma espécie de pele que o agente tenha que se vestir para ter o direito ao protagonismo da questão. O discurso no cerne dessa identidade transexual se inverteu e quem sofre com essa questão de incongruência de gênero não são mais as populações homossexuais, torceu a lógica, são as populações “trans”. Não existe mais um corpo orientado sexualmente que definiria a questão, transformou-se em um discurso de nascença identitária. A homossexualidade perdeu seu significado para os agentes que se entendem trans, seja travesti ou transexual, alguns grupos aderiram ao sentido da heteronormatividade, fazendo da sexologia, biologia, algo socialmente construído para papéis supostamente sentidos. Ou seja, o sujeito não opera significado pela lógica do sexo biológico e o corpo recebe os sentimentos que lhe diferenciam inclusive da orientação sexual. O real do corpo, suas vísceras e ossaturas, não estão mais sob o domínio do saber sobre o corpo diferenciado pela marca sexual, pois a vigência discursiva preponderante nos movimentos sociais é de que os sentimentos de pertença a outro sexo resolvem o problema da questão do feminino e do masculino sentidos, e que não faz diferença à organização do saber científico (VÍCTORA, 2016). Afinal, quando Hera coloca a questão a Tirêsias e este lhe responde que quem goza mais é a mulher, ou seja, o sexo de quem elaborou a pergunta, Hera fica insatisfeita, e insatisfeito também fica Tirêsias, que já não tem mais no corpo as possibilidades de recriar os prazeres outrora sentidos. Essa/Esse mulher/homem construídos sobre as lápides de uma ciência que evolui sobremaneira, devido a tantas tecnologias, não é legitimada/o por uma vagina/pênis no corpo marcado (o que não tardará a vir surgir, incluindo, talvez, até a (re) reversão - é o que podemos imaginar a partir dos experimentos feitos com células tronco; a exemplo, a inclusão de uma orelha nas costas de um rato) (RIZZATO, 2013). A questão do discurso em cima de uma identidade que reivindica um corpo não sobrevive às formas reais e complexas que um

aparelho corporal detém; tampouco, a fluidez quanto à orientação sexual, pois para entrar na cultura a personalidade de um indivíduo ainda se faz necessária, e certas marcas sexuais são norteadoras das relações salutares nessa teia da interação. As drogas sintéticas que fornecem mudanças corporais por meio da hormonioterapia podem aumentar e/ou diminuir a libido, atrofia e/ou aumento do pênis/clitóris, e intervir na circuitaria neural fomentando situações de pertença, entretanto, quando ao encontro das necessidades do corpo, a pertença não pode ser sustentada. O requerimento de transexuais por ginecologistas, demandaria uma especialização para examinar um material peniano invertido que não possui mínimas irrigações nem a porosidade do aparelho morfológico feminino, sustentado apenas na questão identitária. E quem cuidará da próstata desse ser feminino que reivindica a si a identidade de mulher, tendo em vista que esse órgão é responsável por problemas cancerígenos em masculinos? Pode parecer que esta pesquisadora esteja fazendo julgamento de valor, mas não é disso que se trata, e, sim, abrir perguntas que surgem na observação do valor ofertado a uma identidade que construiu para si uma rede complexa e asfixiante, quase não permitindo elasticidade e conversação com o real do corpo. Os valores estão condensados sobremaneira pela cadeia tradicional e afetiva, as construções narrativas que veremos no terceiro capítulo, ofertadas a partir da informação sobre a percepção da orientação sexual, são de proporções herméticas, quase impossíveis de serem questionadas, e também pautadas na percepção da natureza. As afirmações “sou uma/um mulher/homem heterossexual” pede que tenhamos mais atenção às fantasias que potencializam a questão corporal negada, e pouco se entende como necessário utilizar de tratamentos terapêuticos que problematizam essa percepção de si. Se até o final do século XX a informação com a entrada dos discursos criados pelas áreas médicas e psiquiátricas recebiam peso e organizavam saberes, fazendo construir redes de solidariedade para o entendimento da temática, hoje é de relevante importância para os movimentos a problematização das questões a respeito de uma identidade que não esteja engessada às próprias regras anteriormente questionadas. A diversidade vem se (in)visibilizando dentro de uma pauta tão mais endocrinológica e física do que na ordem do entendimento psíquico - é frequente discursos valorativos da/do trans que seja “passável”, ou seja, que os traços sejam tão próximos ao do sexo desejado que recebe atributo de valor (NASCIMENTO, 2017).

A neurociência traz questões muito interessantes sobre a interface plástica cerebral e o tecido social. A neuroplasticidade opera conjuntamente por fatores físico-químicos em conjunto com

antropossocial; um forte indício da relevância de que as ocorrências são tanto do meio quanto da materialidade do corpo, e algo de extrema importância é perceber que ambos são sistêmicos e se retroalimentam, mas disso afirmar que só alterando a percepção do meio seja *per si* um produto suficiente, indicando de que se alterar a ordem heterossexual as mudanças do ideal do sexo imaginado vão encontrar sintonia, já é outra coisa e que precisa de maior aprofundamento para entender quais os sintomas a médio e longo prazos serão gerados (SILVA, BARBOSA, SOUZA, 2015). A descoberta de poder ser o outro, como é o caso que opera na questão das transformações corporais, não leva o indivíduo a ser o outro. Aquele outro da descoberta genuína pela diferença, deve alocar o “Eu” percebendo-se dentro de uma realidade social compartilhada e só então criar o seu universo a partir do conhecimento trocado. Imprescindível que o agente não tenha medo da identidade marcada pelo corpo, mas construa essa identidade por uma noção do corpo próprio. A ideia de construção maleável necessita interagir mais com a estrutura corporal que representa a fronteira real e lidar com o tema de maneira a fazer conexões com as outras áreas da ciência. Ou, seria tudo possível mesmo, como apregoam os defensores de uma física do pensamento, é só imaginar para acontecer? Podemos usar a identidade que permita ao “Eu” se reconhecer com seu protagonismo, opere no ativismo, mas que identifique a pluralidade de outras realidades que não são determinadas por tal e qual função. O “Eu”, por gostar de fórmulas prontas, pode ser nocivo a si, no corpo. Sem o reconhecimento de uma pluralidade de ideias, o problema das cartilhas que receitam o que se pode ou não se pode a tal ou qual identidade, pode gerar no tecido social um mal-estar, um sintoma sem precedentes para o devir. Indivíduos na busca de respostas prontas para dar sentido aos seus conflitos existenciais, em meio a tantas formas de circulação de conhecimentos fabricados no mercado da troca tecnológica, recebem via internet - por meio de blogs, grupos em Facebook; listas de e-mail, perfis no Twitter ou outras formas de redes sociais - uma produção de ideias, favorecendo a circulação de materiais explicativos, teorizando a partir da experiência sobre o que pensam de tal ou qual questão, concorrendo com diversas frentes de compreensão do que seja a transexualidade. Bem como os aprisionamentos do queixume que autorizam o especialista a identificar classificado num manual de doenças e ofertar uma intervenção sem questionar minimamente a história do indivíduo da queixa, suas percepções, da onde tenha se manifestado o primeiro sintoma, no hoje, a identificação projetiva é capturada de imediato pelas indicações daquele que apresenta pela sua narrativa algo que “de mim fala”. Essa questão identitária e a ampliação desmedida

sobre determinado tema provoca sintomas como aqueles indicados na ideia sobre a homossexualidade, são muitas opiniões, dividem o tecido, e o sujeito identifica no sintoma o inaudito: sua reflexão fica enviesada por explicações causais e soluções projetivas.

Após essas considerações sobre alguns fatores que teceram uma história para o movimento transexual, construídos a partir da compreensão da pesquisadora, explicado de forma complexa, ou seja, imbricando variados conjuntos de eventos, esperamos ter possibilitado ao leitor a certeza da incerteza sobre o fenômeno. Conforme Morin (1977, p.19):

[...] podemos lançar-nos com a incerteza, inclusive a incerteza sobre a dúvida. Hoje temos de pôr metodicamente em dúvida o próprio princípio do método cartesiano, a disjunção dos objetos entre si, das noções entre si (as ideias claras e distintas), a disjunção absoluta do objeto e do sujeito. Hoje, a nossa necessidade histórica é encontrar um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades.

Temos de partir da extinção das falsas clarezas. Não do claro e do distinto, mas do obscuro e do incerto; não do conhecimento seguro, mas da crítica da segurança.

Consideramos importante tratar os saberes pela ótica de que quanto maior for o nível de incerteza sobre determinado sistema, interligando várias ciências a várias causalidades para descrever o fenômeno - conforme a ocorrência dos seus acontecimentos - tenhamos promovido as interações históricas com esse fenômeno complexo, e apresentado os elementos da análise de forma avaliada não isoladamente, atentando-nos às relações de outros elementos que operam sobre o evento aqui analisado. Ter demonstrado que o processo é sistêmico e mutável, os efeitos dos acontecimentos retroagem sobre as causas e as realimentam, a tal ponto que após certo grau de observação não sabemos distinguir qual a causa e qual o efeito. Ter procurado demonstrar que os fenômenos coexistem e são antagônicos em si, pelas contradições que lhes são inerentes; ou seja, uma coisa é e não é ao mesmo tempo. Neste caso, assim

como no sétimo princípio da lei hermética, a lei de gênero<sup>23</sup>, o feminino e o masculino são opostos mas complementares, um precisa do outro para realizarem a sua função, Mas, mesmo pautando as incertezas, esperamos ter proporcionado ao leitor uma descrição de como não podemos sentenciar, criar valores a partir da organização que se deu o fenômeno, pois não há uma linearidade. Todo acontecimento se organiza e funciona dinamicamente a produzir propriedades novas sem que seja necessário comandos. E, sobretudo, que tenhamos deixado a plena confiança na desconfiança das certezas, incluindo essas que foram confiadas inteiramente nos resultados que forneceram os nexos causais da pesquisa, ou seja, sabemos que a construção do pensamento é uma concepção e não pretendemos com isto dizer se tal ou qual é isso ou aquilo, mas apenas indicar que alguns fatores podem ter interferido em alguma medida para a concretização da coisa observada; ao mesmo tempo que pode não ter interferido em nada. Como as partes interagem com o todo, a homossexualidade operou na transexualidade que, por sua vez, opera na sociedade; veio a ser a mulher/homem, e o mais irônico, heteronormativo. A partir desse alinhamento do pensamento expresso, frisamos aquilo que na obra *Weberiana* encontramos de mais significativo para este trabalho, trata-se da “neutralidade valorativa”. Compreendendo que as Ciências Sociais entende a imparcialidade como valor impossível de ser alcançado, Weber lembra-nos de que a pergunta que o cientista social precisa se fazer é se está pondo à frente da sua pesquisa questões de interesse próprio, político partidário ou pessoal; o cientista precisa saber visualizar as fronteiras e enquanto homem/mulher do saber o cientista não pode desejar ser o mesmo da ação. É neste sentido que esta pesquisadora relembra a si de todos os cuidados para escapar das fronteiras do desejo de escrever sobre um corpo tão fluido quanto aquele que por si só lhe é desejado, mantendo a “viva crítica no foro da sua consciência”. Refletido a partir de WEBER (2005, p. 22), ela considera a tarefa de:

[...] ser útil com os seus conhecimentos e com as suas experiências científicas. [...] Expõe-se então à mais viva crítica no foro da sua consciência. Mas isto nada prova, pois também são possíveis outros erros puramente objetivos, [...] sempre que o

---

<sup>23</sup> O 7º Princípio Hermético - Gênero: "O Gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio masculino e o seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos." O Caibalion: Estudo da Filosofia Hermética do Antigo Egito e da Grécia, 1978.

homem de ciência surge com o seu próprio juízo de valor, cessa a plena compreensão dos factos.

As lupas, tanto do **pensamento complexo** quanto a dos **tipos ideais** Weberianos é que se fazem instrumentos a construir o trabalho ora apresentado. Não obstante, não podemos deixar de dimensionar que o objeto aqui inquirido, observado, interrogado, é objeto de curiosidade e significância para a pesquisadora e, por este fator, esperamos não encontrar nestas observações julgamentos de valor que digam respeito à negatividade e/ou positividade de tal e qual ação; mas, conectar as questões implicadas num processo de racionalidade dos nexos causais que tecem o social e operam no laço relacional, dirigindo os agentes sociais a uma ação racional voltada a fins, nas fronteiras do hábito criado pela tradição, afeto e valoração sobre as práticas sexuais, marcando um suposto pertencimento.

#### 4 A INVERSÃO DO CASTIGO-AS CERTEZAS DA PERCEPÇÃO

A ideia de percepção delineada por Maurice Merleau-Ponty (1999), pela qual o autor critica o intelectualismo filosófico por apenas privilegiar o conhecimento intelectual, convoca o mundo sensível a entrar em contato com ideias não estabelecidas, o mundo sem forma. A representação influi no pensamento já elaborado acerca das coisas, portanto, a percepção seria o primeiro contato com o mundo, com os outros, atravessada pela sensibilidade antes de transformar-se em pensamento elaborado; porém, por razões psicossociais e biológicas diligenciamos a verdade por meio do intelecto, interferindo assim na percepção. Merleau-Ponty (1999, p. 118-19) diz que:

O reflexo não resulta de estímulos objetivos, ele se volta para eles, investe-os de um sentido que eles não receberam um a um e como agentes físicos, que eles têm apenas enquanto situação. Ele os faz ser como situação, está com eles em uma relação de “conhecimento”, [...] O reflexo, enquanto se abre ao sentido de uma situação, e a percepção, enquanto não põe primeiramente um objeto de conhecimento e enquanto é uma intenção do nosso ser total, são modalidades de uma visão *pré objetiva* que é aquilo que chamamos de ser no mundo[...].

No fenômeno transexual a ideia representada fixamente de se sentir desde muito jovem, seria o intelecto destituindo o corpo do mundo sensível para inscrevê-lo no social já representado. Idealizar uma intervenção cirúrgica no corpo significaria a solução racional compreendida como fim, mas, melhor seria, possivelmente, intervir por outras vias, acolhendo o corpo mesmo. Não intencionalmente representá-lo pela moldura que faz o saber produzido sobre o corpo, uma vez que investimentos incisivos, procurando respeitar o intelecto pela verdade do sentimento proclamado, produz no corpo originário a representação sem inquirição, condicionando-o a um rascunho a ser definido como argumento que se baseia na prova experimental, que parte do efeito para a causa.

O processo reflexivo narrado por Robert Diego<sup>24</sup>, um recente caso de (des)transição que recebeu destaque na mídia devido às forças motoras

---

<sup>24</sup> Transcrição de um recente caso que consideramos relevante para demonstrar ao leitor a complexidade do que estamos tentamos problematizar, a ação real de

---

surda inconsciência do seu sentido visado na decisão, enviesada pela construção de um sexo fantasiado. A entrevista foi concedida a um programa televisivo brasileiro, com a seguinte manchete: “jovem decide ‘voltar a ser homem’ após cortar pênis e virar transexual”. Trata-se da história de Robert Diego: “Jornalista pergunta: Robert quando você percebeu que havia nascido num corpo errado? Robert: Bom, eu descobri, eu me entendi aos 7 anos de idade que eu era um menino diferente. A minha preferência era por meninos, mas eu não identificava que eu era um menino. Eu tinha no entendimento que eu era uma menina, então, desde cedo eu queria ter o cabelo comprido, brincava com coisas de meninas, com brinquedos de meninas. Jornalista: então você na adolescência resolveu que gostaria de ser uma mulher? Robert: Eu descobri aos 15 anos de idade a possibilidade. Jornalista: E aí você foi trabalhando isso, com quantos anos você fez a cirurgia de mudança de sexo? A mudança de sexo eu fiz com 24 anos de idade depois que eu já havia compreendido muito bem o mundo da travesti e o mundo da transexual, aonde eu me identifiquei claramente como transexual. Jornalista: Você inclusive retirou o seu órgão genital masculino? Robert: Sim! Jornalista: Aí você se tornou uma mulher se relacionou com homens [...] e aí um belo dia você pensou, não, não é isso que eu quero para mim. Como é que foi isso, porque é difícil de entender, você pensou o quê? Porque que você se arrependeu? Robert: Bom, eu acredito que quando eu vivi como transexual, eu construí um indivíduo conforme eu desejava que eu fosse. [...]”. Neste instante entra em cena uma intervenção da irmã, que cremos relevante ser transcrito: diz ela: “Ele quis ir numa ginecologista. Elas ficaram muito curiosas para ver se realmente a cirurgia era eficaz, se parecia mesmo com uma mulher. E ela (a ginecologista) se surpreendeu. Jornalista para Robert: Mas agora você me deixou confusa porque você me disse que quando criança você já se sentia mulher. Não era esse sentimento, esse sentimento não era seu? Robert: Sim! Sim, esse sentimento é meu, mas toda vez que a gente se define pelo sentimento, eu sou o que o meu sentimento me conduz, eu posso virar uma máquina mortífera, porque se eu sentir vontade de cometer um crime, eu vou cometer, porque eu tenho sentimento de que devo fazer isso? Então o sentimento é muito vago, uma hora você sente, outra hora você (dis) sente. Uma hora você ama outra hora você deixa de amar. Uma hora você é, noutra hora você deixa de ser. [...] Jornalista: Você vai ficar um homem com um órgão genital feminino? Robert: Sim! Então, eu sou um menino, que eu me vejo hoje, com uma modelagem na parte íntima que não é 100% como uma vagina, mas parece. Então isso me deixa em paz para enfrentar.” Outra intervenção da irmã neste momento: “Eu sei que através dessa decisão que ele tomou, dessa vez, é para impactar uma geração. Eu sei que tem muitos meninos hoje que têm essa ambição, e hoje ele tá aí para mostrar que não é tudo isso. [...] Jornalista: tem muita gente que gostaria de fazer essa cirurgia de redesignação sexual, o que essa pessoa [...] deve saber antes de optar por essa cirurgia? Robert: tomar uma decisão de amputar um membro para poder se encontrar enquanto indivíduo, é perigo, porque você pode se encontrar como indivíduo depois em falta. Como o que eu tenho vivido hoje, gostaria de ser pai,

dessa problematização ideológica de gênero, expõe essa complexidade enredada pelas tramas da confiança que vieram a ser outras certezas. Em entrevista, ele relata que se entendia como Sabrina desde os sete anos de idade e compartilhou sua história sobre os engodos dos sentidos refletidos somente após a redesignação sexual. Não é um caso solitário nessa idealização transexual, existem muitos outros, mas pouco se fala diretamente sobre esse fenômeno. Robert conta que foi informado pela sutileza de uma miríade de ocorrências cotidianas que lhe comunicaram desde muito cedo sobre os seus “desvios “de comportamento, exigindo-lhe idealizar algo que fora apreendido de fora dele mesmo. Sua história levanta um problema que ecoa em outros casos que também começam a sentirem-se encorajados para falar sobre essa morada do corpo – uma força impulsionadora que constata o engano da emoção - mesmo que depois de “castigado” (“mutilado”) por suas sensações “irresponsáveis”, inconscientes, impulsionado pelos desígnios do desejo de não ser o que

---

gostaria de ter um filho, gostaria de ser o genitor e hoje me foi privado por conta da minha irresponsabilidade diante de uma coisa tão séria, mas eu acredito que a gente pode intervir de alguma forma com as crianças e com os adolescentes, dizendo para que eles tenham calma, tenha paciência, espere amadurecer um pouco mais.”

A importância dessa narrativa apresenta pontos da percepção que Robert demonstra ter elevado à consciência após o processo, desconsiderando as certezas anteriores, chama-nos a atenção para o entendimento racional que o mesmo elabora entre as identidades possíveis para o seu sentimento: travestis e/ou transexuais. O sentimento o conduz a mediar a ideia produzida na identidade transexual. Quando a jornalista demonstra confusão pelo fato dos seus enunciados interpretarem um sentimento desde muito cedo, informa que o saber sobre o sexo se deu pelos símbolos sociais dos papéis (cabelo, brinquedo, roupas e interesse por “meninos”). O adjetivo “mutilação” e o numeral relativizado (100%) a que ele atribui a cirurgia, são de intensidade valorativa., quando é convocado a deixar uma reflexão aos demais, fala sobre as incertezas do desejo, enuncia os cuidados frente aos enganos da certeza. Contudo, não atribui responsabilidade ao externo; afirma sua falha na elaboração do sentido e sinaliza a falta que opera hoje, como a impossibilidade de ser genitor. Convoca a maturidade como sinal de legitimidade a não culpabilizar o externo, por mais que os desígnios operem inconscientemente por motivações de outros, informa da participação ativa de si com agência no palco social. Reforça o engano produzido pelos sentimentos e as fronteiras do ato. Essa narrativa sintetiza as complexas amarras que produzem o sentimento e que não encontram na geografia do corpo um lugar para registrar. Assim como no mito de Tirésias, ele retorna ao “sexo” pelo mesmo ato que o retira, mas a experiência elaborada ocupa agora outro lugar. (REDE TV, 2018).

pensava. Merleau-Ponty (1999) aborda as confusões que o reflexo representado pode promover com relação aos sentimentos internos alinhavados ao externo, explorando que:

O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles.[...] No momento mesmo em que meu mundo costumeiro suscita em mim intenções habituais, não posso mais, se sou amputado, juntar-me efetivamente a ele [...] Assim, no conjunto do meu corpo se delimitam regiões de silêncio. Portanto, o doente sabe de sua perda justamente enquanto a ignora, e ele a ignora justamente enquanto a conhece. Esse paradoxo é o de todo ser no mundo: dirigindo-me para o mundo, esmago minhas intenções perceptivas e minhas intenções práticas em objetos que finalmente me aparecem como anteriores e exteriores a elas, e que, todavia, só existem para mim enquanto suscitam pensamentos e vontades em mim (MERLEAU-PONTY, 1999, p.122).

Entre o representar e o simbolizar existem barreiras antagônicas. Enquanto o primeiro trata de uma inscrição idealizada, preenchida pelos sentimentos do “como seria se”, o outro, simboliza a ritualização em diálogo com a materialidade do corpo que não é elástico como o primeiro que pode vir a flexibilizar a identidade a depender das situações vivenciadas. Recentemente o jovem australiano, Patrick Mitchell, de 14 anos, retratou ao programa norte-americano ‘*60 Minutes*’<sup>25</sup> que estaria arrependido dois anos depois de ter realizado a cirurgia (12). O psiquiatra é que teria sido precipitado no diagnóstico de disforia de gênero, relatou

---

<sup>25</sup> Desde cedo Patrick Mitchell sabia que ele era diferente dos outros garotos. Ele se sentia mais como uma garota e ele queria ser um. Quando ele tinha 12 anos, os médicos em Adelaide o diagnosticaram com disforia de gênero, uma condição reconhecida em que uma pessoa nasce um sexo, mas pensa que é outra. É claro que a mãe de Patrick, Ali, só queria o melhor para seu filho, e para ajudá-lo a transitar para a vida como uma menina, ela tomou a ação drástica de dar a ela agora os medicamentos de reposição hormonal da filha. Mas há alguns meses o impensável aconteceu. A garota de 14 anos decidiu que ela realmente era o garoto Patrick, afinal. Agora, como ele e sua mãe explicam a Ross Coulthart, o grande desconhecido que Patrick enfrenta é determinar se o tratamento para se tornar mulher já progrediu muito. (COULTHART, JACKSON, BERKERY, 2017).

sua mãe em entrevista. Mesmo que Patrick demonstrasse interesse por brincadeiras do sexo oposto - justificativa frisada - não teria o porquê determinar um diagnóstico. O processo de transição de sexo ocorre precocemente em alguns países, sob o consentimento dos pais que recebem orientações sobre o tema e, em alguns relatos, auxiliam a administrar as doses hormonais para que o corpo não desenvolva formas do sexo supostamente negado. Em casos relacionados a esse diagnóstico, é preciso refletir sobre as muitas interconexões que são feitas entre o corpo que demanda e aquele que atende. Uma criança tem maturidade para uma reflexão de dizer a que sexo se sente, e de quem é a “responsabilidade” nos casos que atendem essa demanda de forma precoces? Em qual corpo estaria operando o desejo: na criança, na mãe ou no psiquiatra? A progenitora de Patrick retira de si qualquer relação com o problema, mas foi ela que o conduziu a um especialista. O caso mais emblemático do processo de identidade de gênero e sua relação modal entre a força motora que opera na cultura - uma relação entre o social e a fisiologia do corpo - é o caso Brenda/David (CORRÊA, 2004). Interessante indicá-lo resumidamente: um casal de gêmeos canadenses, com aproximadamente um ano de idade (1969), os pais buscaram fazer a circuncisão nos garotos e os levaram ao hospital para proceder a diligência. O método contava com um novo instrumento que contribuiria para a técnica, com fins de melhores resultados na cicatrização, reduzindo processos traumáticos para a criança. Os irmãos Brien e Bruce foram então submetidos ao procedimento, o primeiro passou pela cirurgia e reagiu muito bem, mas na vez de Bruce, não. O profissional que manuseava o aparelho errou na condução do instrumento, o que acabou por decepar parte da genitália do garoto. Os pais muito preocupados com o ocorrido, procuraram encontrar uma solução e descobriram que nos EUA um especialista defendia a teoria que considerava plausível a flexibilização dos papéis sociais dos sexos. Chamado de teoria de gênero, a identidade de gênero, fazia eco pelas pesquisas de John Money e Robert Stoller (CORRÊA, 2004). A base de Money separa em três funções distintas a relação entre o sexo, a cultura e o desejo: a primeira, informada no corpo, é indicada pela condição biológica sobre o sexo, se macho e/ou fêmea; a segunda, gênero, é a imagem que dialoga sobre os papéis sexuais dependentes com o sentimento que o indivíduo apresenta, a depender de cada cultura, masculinos e/ou femininos; e, o terceiro, dialoga com a questão do desejo do corpo, a orientação sexual, bissexual ou monossexual. Os pais demonstraram interesse pela tese, e decidiram ofertar à criança uma vida “confortável” num corpo adequado cirurgicamente, e encaminharam-se com Bruce a procura de solucionar

os problemas que a traumática situação apresentava como saída. Foram realizados todos os exames e iniciaram os processos cirúrgicos e hormonais, crentes de que quanto mais cedo o processo desse início, maiores seriam as chances de ofertar uma vida normal à Brenda - nome recebido depois dos procedimentos. A questão defendida pelos especialistas era de que o gênero é, sobretudo, uma construção social longe de ser indicada pelas marcas genéticas, é determinada pela apreensão e interação com o meio. Então, Brenda, se recebesse todas as informações condizentes ao seu novo sexo comprovaria a ideia, correspondendo às evidências da questão defendida, principalmente, porque estaria em relação ao irmão gêmeo. O caso seria perfeito, mas, não foi bem assim que se encaminhou a situação. Brenda não se sentia bem, deixou de ingerir as doses de hormônios e pouco se sentia confortável em participar das entrevistas com Money. A mãe pressionada por perceber “a filha” como que sofrendo com a situação de não se adequar à tese, resolve contar o ocorrido, o que fez com que Brenda procurasse mais uma vez (agora sob sua demanda) alterar os acontecimentos. Passou a se reconhecer como Daivid, e agenciou por todos os meios inverter algumas das alterações feitas em seu corpo: retirou gorduras mamárias, fez faloplastia, casou-se com uma mulher; investiu em denunciar esse tipo de experimento e veio a cometer suicídio anos depois (2004) (CBC NEWS, 2015).

São múltiplos os fatores que envolvem a criação de sentidos. É preciso se perguntar sobre as certezas da fluidez de uma materialidade corporal. Como foi apontado, a identidade é maleável, elástica, mas também tem o seu lugar de ser, o corpo. Ortega (2008) trabalha os diversos significados que o corpo carrega, inclusive seu valor de mercado, desde a pele até as células microscópicas têm valor para as ciências, mas, não só, também para os agentes que promovem por ele a arte de ser, mesmo que mediados pelos valores capitais. As técnicas fazem do corpo a própria arte da criação, aperfeiçoam-se na demanda retroalimentada pelo mercado individualista que quer expressar a singularidade na materialização do corpo incerto. Se por estereótipos ou estéticos, o indivíduo se representa no corpo idealizado, o corpo certo oscila ao incerto pelo valor. Possui um preço e os sentidos estão enredados na dinâmica do tecido social.

Estimando que o foco deste trabalho enreda questões sobre esse mercado do corpo transexual, procurando entender o conjunto de sentidos que o indivíduo cria ao narrar sua história, levamos em consideração que este "conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social" (MINAYO, ASSIS, SOUZA, 2010, p.21). Portanto,

estabelecemos uma metodologia qualitativa que permite explorar determinadas questões em que a ação do agente da causa opera significando as relações representativas e simbólicas que a objetividade de um questionário não seria capaz de capturar. Segundo Bruner (2002, p. 46-47):

[...] uma narrativa é composta por uma seqüência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” [...] “ela pode ser “real” ou “imaginária” sem perder seu poder como história”. Sem descartar a significância da síntese, o autor compreende que o indivíduo “ingressa na linguagem” a partir de “aptidões pré-lingüísticas para o significado”. E concluí reportando que “nós viemos inicialmente equipados, se não com uma “teoria” da mente, certamente com um conjunto de predisposições para interpretar o mundo social de uma forma particular e para agir sobre as nossas interpretações.

A importância da narrativa como ferramenta é compreender os sentidos que operam na trama singular, e o pesquisador procura contribuir para interpretar as conexões de acordo com as transições informadas. Segundo Gomes (2002)<sup>26</sup> o pesquisador deve:

Preservar a idéia da contingência e imprevisibilidade da mudança (caso em que significados como conseqüências de ações ficam em aberto) e, posto isto, orientar nosso olhar para uma perspectiva do curso de vida e seus momentos de transição (interrupção e mudança do trajeto), fruto das voltas do destino, ou de passagens embaraçosas que representam algo desconhecido. As transições são concebidas como momentos nodais para captar o significado atribuído pelos indivíduos às suas experiências, que aspiram a uma continuidade.

Portanto, a partir dessas considerações, abriremos espaço à discussão para apresentar o resultado da “interpretação” a partir da

---

<sup>26</sup> Pressupostos recebidos por correio eletrônico no dia 03 de Mar de 2018, como apoio de orientação, ofertado pela Professora Dr<sup>a</sup> Maria Soledad Etcheverry Orchard. Parte da Tese de Doutorado: (GOMES, 2002).

entrevista efetivada. Nossa principal interlocutora se identifica com o fenômeno transexual, reconhecendo-se como “mulher” transexual. O encontro foi na cidade de Porto Alegre/RS, no dia 29/09/2018. Seu nome é Diana, tem 49 anos, trabalha como manicure e também exerce a prostituição - “não estou morta, né?! Gosto de transar bem gostoso.”. Diana realizou a cirurgia pelo SUS, completados seis anos em maio/2018. A entrevista ocorreu tranquilamente, a interlocutora ofertou sua casa para acolher a pesquisadora, ofereceu café e também a convidou para o jantar. (A rede de contatos que a pesquisadora mantém com os diferenciados movimentos sociais, locais e nacional, favoreceu identificar pessoas transexuais que não vissem problemas em compartilhar suas compreensões sobre o tema, e tomou o cuidado de interagir com pessoas que não fossem ligadas diretamente aos movimentos). Três questões foram colocadas<sup>27</sup>: (1) você se entende como homossexual? (2) Como você se percebe? e, (3) O que você sente sobre a sociedade? Fornecendo esse panorama inicial, passemos à problematização da única variável que esta pesquisadora identificou como pertinente a ser trabalhada, a saber, a percepção sobre a homossexualidade.

Encontramos no relato de Diana pontos interessantes sobre o que pode atravessar os questionamentos subjetivos visados na transformação do corpo. Iniciamos a conversa sobre o sentir-se homossexual, ao que ela aborda a pressão social agindo na negação dos desejos homossexuais que nem bem compreendia. Mesmo sem saber a que se referia o termo, sabia que estava implicado em relação ao sentimento subjetivamente expressado por uma delicadeza lida como desviante, condenado pelos aspectos tradicionais e valorativos da religião:

[...] era pecado, tá. E o julgamento da família, da sociedade, de tudo isso, me reprimia aquilo. O meu sentimento, o meu prazer pelo sexo; portanto, eu tive até uma tentativa de namorar com uma menina pra ver se realmente, se a sociedade tava certa e eu tava errada, tá. E não deu nada, não fluiu, porque eu vi que não era aquilo que a minha atração e tesão - porque atração é uma coisa e tesão é outra - era pra pessoas do mesmo sexo. No caso, né, do mesmo sexo masculino, né. Eu era, né, um menino ainda (DIANA, 2018).

---

<sup>27</sup> Constam nos apêndices 1 e 2 respectivamente: Termo de Livre e Esclarecido e Roteiro de Entrevista Orientado. Foram realizadas 04 entrevistas, em um total de 188 minutos de entrevistas gravada.

Quando questionada mais diretamente sobre o sentimento relacionado à homossexualidade, ela responde que não sabia para além das insígnias pejorativas que se conectavam à noção do corpo que estaria errado por alguma razão que ela mesma não sabia identificar. As informações que ela recebia do externo possuíam uma forte negação enviesada sobre a sua feminilidade corporal. No seu entender o corpo é que estava errado e essa ideia nasceu, provavelmente, dos reforços incisivos, perpetrados nas relações estabelecidas. Entretanto, ela diz ter invertido a lógica social, e que teria mostrado à “vida” a representação do feminino pelos apetrechos compatíveis à concretude de um desejo que se manifestava enquanto uma inscrição visível pelo tesão que sentia. Ou seja, o imaginário que circunscreve o significante nas palavras: “bicha”, “viadinho”, a informavam de uma feminilidade necessária a ser adequada para contemplar o desejo pelo masculino. O ponto chave da informação foi a diferença sexual, percebida quando ela aceita a aspiração homossexual que operava sobre o seu corpo, mais enfaticamente, quando ela inverte a diferença pelo sentido de pertencer a outro sexo:

[...] é porque na época, quando eu era, esse termo nem vinha na minha cabeça. Era gay, era viado, bicha, viadinho, entendeu? Não tinha essa coisa ainda, ah, é homossexualidade. É, não era tão explícito essa palavra no contexto. Era gay, era viadinho, portanto, eu sabia que eu era isso, tá [...]. Porém eu nunca assumi minha sexualidade, quando eu assumi minha sexualidade eu vi que, além de eu gostar do sexo, né, que eu pertencia, tá, eu tinha o corpo que não me pertencia. Eu não era satisfeita com meu corpo, tá, então assim, eu já quis, quando eu resolvi mostrar pra vida o que eu era, eu já, passei já a deixa o cabelo crescer, pinta o cabelo, bota brinco, usar roupa, né, femininas, aí enfim, assumi a minha travestilidade [...] (DIANA, 2018).

Quando inicia uma elaboração reflexiva sobre o modo do comportamento enxovalhado, comenta as normas gerais que este deveria ter, informando-nos dos estereótipos que dominavam o tecido social acerca do feminino e delata os meios que aprendeu sobre as possibilidades e alternativas que descobriu para construir esse corpo desejado:

[...] A coisa, de eu olhar pro meu corpo e dizer, não, eu gostaria de ter um peito, eu gostaria de ter uma bunda, eu gostaria de ter um corpo, né, que a sociedade prega, um corpo perfeito, né, um corpo feminino, entendeu? Aí foi aonde eu comecei a

tomar hormônios e tudo mais, tá [...] (DIANA, 2018).

Abordada sobre o saber do corpo, ela informa que o externo, principalmente, a mídia, foi o mediador para solucionar o problema que se apresentou a ela, e sua transformação foi mediada por esses modelos representativos:

[...] ah, isso através da, é que na época passava muito essas coisas na televisão, do Silvio Santos, né. Que tinha aquele quadro que era “ele ou ela”. Aquele que as travesti que, elas se coisa. Então, elas falavam essas coisas. O Silvio perguntava e elas diziam ah é hormônio, era silicone, entendeu. Mas, porém, na época era muito caro e era difícil a gente conseguiu, a pessoa que aplicasse. O hormônio era mais fácil, ia na farmácia. Depois quando eu convivi com as outras pessoas, trans, travestis, aí elas começaram a me indicar onde tomava, aonde isso, quais os hormônios que eu deveria ter tomado, tomar [...] (DIANA, 2018).

Perguntada sobre a idade em que começou a sentir as representações predominantes sobre a homossexualidade entrarem em discordância frente ao entendimento sobre si, a correspondência que ela opera sobre o objeto do desejo identificado por masculinos, começa a fazer sentido numa condição que ela chama “de ser feminina”, pautado pelas relações comunitárias, por necessidade de encontrar referências, e que forneceu lógica a distinção identitária. Essas marcas entre as concepções de modelos masculino/feminino estão assentadas na ideia da travestilidade/transsexualidade (travesti está marcada pelo masculino fluido e a transexual pelo sexo defendido, outro sexo), o que abre possibilidades para pensarmos os meios ideais que impulsionam esses agentes da transexualidade a adquirir racionalmente fins para solidificar a imagem idealizada. Entretanto, sem realizarem uma reflexão desde dentro, mas a partir do externo, são informados da idealidade do corpo outro, e não o próprio. A interagente encontra solução na possibilidade de vir a Ser por meio da transformação corporal, pautada pelos sentidos da feminilidade informada no meio comunitário, que ela denomina “meio delas”. Ao mesmo tempo, julga os modelos pré-existentes da figura da travesti, como se esta fosse marginalizada e, portanto, negativo, levaria o indivíduo a visualizar na transexualidade o modelo ideal de feminilidade/masculinidade correta - o que esta pesquisadora compreende

pelos mesmos traços do sentir-se mulher que ela não problematiza, aprisionado a modelos estereótipos.

Eu tinha dezoito anos. Dezoito pra dezenove. Já foi tarde um pouco, né? Geralmente hoje, ah, grande quantidade começa, né, a grande maioria começa mais cedo. Aí, depois, quando eu comecei, aí, a saber do movimento, aí que vi, que eu comecei a não me identificar com homossexual, porque eu comecei vê, o homem que eu, que eu gostava de homem e eu não me sentia homem. Não era nem pela minha aparência, uma é pela aparência e a outra foi por eu ser, eu, eu não me sinto homem, eu não me sinto do sexo masculino, por mais que eu tinha pinto, tá certo, mas isso eu não me sinto pelo sexo masculino, né. Eu não me considero homem, eu sempre me considerei, depois que eu me assumi a travestilidade, eu sempre me considerei uma mulher e o ser mulher, ele é muito. Vai depender de cada pessoa, de cada entendimento de cada pessoa, então não tem uma regra pra dizer o que que é mulher. Até tem alguns lugares aí que eu vejo que dizem que travesti é tanto homem como mulher, não sei se tu já viste isso? Eu discordo disso porque nós não somos homens, entendeu? A gente até, talvez, não. Mas aí o que é ser mulher? O problema maior que eu vejo nisso tudo, né, na questão da travestilidade e da transexualidade, é a definição de mulher. Se tu perguntar pra qualquer pessoa o que que é mulher, tu vai ter várias respostas e algumas respostas que tu vai ter, tu vai dizer meu deus. Tem umas que vai dizer que ser mulher é passar perfume, ser mulher é ter peito, ser mulher é ter cabelo comprido, ser mulher é usar batom, ser mulher é lavar a roupa, ser mulher é esperar o marido em casa, sabe? Tu vais ter várias respostas. Então cada uma vai, não tem um termo definitivo do que é ser mulher, entendeu? Mas pra mim ser mulher é eu me senti, me senti feminina, eu me senti como meu corpo, né, a qual hoje em dia eu pertença após a modificação, isso pra mim é ser mulher. Pra mim ser mulher é eu me aceitar a minha feminilidade. O meu corpo e o meu cérebro caminham juntos. (DIANA, 2018).

Por mais que ela questione um sentimento de modismo enlaçado na modernidade, não desvincula o desejo do mito atravessado pela religiosidade que demandou, por pecado, a mudança necessária para encaixar o corpo ao desejo pelo masculino. Para gostar de homens precisa ser mulher e, para que isto ocorra, só a condição de modificar o corpo para encaixar-se ao modelo socialmente estabelecido ao desejo resolveria a questão existencial, e a transexual atenderia a este sem problemas, uma vez que a travesti significaria “barraqueira”:

Hoje em dia virou, aí eu acredito modismo, porque a palavra travesti é carregado com uma carga de preconceito muito grande, muito grande, porque travesti é barraqueira, é prostituta, carrega navalha. Eu vejo que virou modismo por causa disso, porque transexual na sociedade é mais aceita (DIANA, 2018).

No mito de Tirésias o feitiço que se pretendia castigo foi a fagulha que o aproximou dos deuses para resolver a briga de Hera e Zeus. Mesmo respondendo à questão, Hera o pune por ele não ser condizente com aquilo que ela buscava ouvir - quem goza mais é a fantasia que alimento sobre o outro - e o castiga com a cegueira. Tirésias é recompensado recebendo os dons proféticos, arquétipo do grande sábio, aquele que interpreta o oráculo e enuncia as previsões entre o metafísico e o físico aos homens da terra. Esse retorno ao corpo já não será mais o mesmo, a experiência de Tirésias que o possibilita informar sobre quem tem a maior parte do prazer do corpo, já não pode mais ser experienciada por ele mesmo, ficou em ideia apenas. Tirésias não tem mais os olhos, o instrumento que percebe o externo, também não tem mais o sexo que gozava das dez partes do prazer; ainda que a experiência o informasse saber mais sobre os homens, mantém como recompensa o contato com as divindades, o exótico.

A experimentação do corpo transexual e essa enunciada necessidade de inclusão na ordem heterossexual, chega a ser metafísica, distorce a questão da homossexualidade e nega o corpo pela via da legitimação do desejo. A questão sobre a negação da homossexualidade é localizada como uma abstração que não tem informação nenhuma sobre o corpo, apenas o nega a possibilidade desse desejo. A homossexualidade é desviada e passa a ser explicada de forma inversa a reflexão “genuína” de si, não dialoga com o corpo, apenas produz diferença ao para si, ilustrado pela ideia do desejo que só poderá ser heterossexual. As causas determinadas informam de que a inscrição da heterossexualidade está

vinculada à exterioridade do conhecimento sobre si, que, no que lhe concerne, está ancorado por vestimentas, adereços, fenótipos, apresentados pelo sexo que um dia será compatível com o seu verdadeiro corpo. É complicada a questão. A lógica defendida sugere o seguinte: esses corpos não nasceram nem mulher, nem homem, foram condicionados a serem mulheres ou homens (e aqui não raciocinando os significantes culturais legitimados no social, mas marcado sob o fazer dos papéis. Mensuram sobre o entendimento do corpo sem determinados traços de tal ou qual sexo - parecendo haver um investimento de um sexo real e não imaginado). Assim sendo, o desejo não seria orientado pelo sexo, tampouco, pelo anseio do mesmo sexo. Há um deslocamento marcado pela inscrição localizada na associação do outro. Ou seja, os indivíduos relatam não ser a busca por um bel-prazer que esteja noutra sexo que os movimentam, sexo mesmo, mas um conjunto de atributos vinculados ao sexo ambicionado. A figura interagente tem que ter tal ou qual característica entendida como aviso masculino, e, mesmo assim, independente do sexo biológico. Portanto, a heterossexualidade é entendida como uma orientação abalizada pelos acessórios informados no corpo procurado, sem ter este uma morfologia fixa, mas fluida. Interessante tecer algumas incongruências que esta pesquisadora se vê limitada, com dificuldades para compreender o que então estaria em jogo no fenômeno transexual. Considerando que, por mais que existam teorias relativizando uma fluidez corpórea, e que o sujeito possa ser quem quiser ser, o princípio de realidade nega essa abstração na prática. Mesmo compreendendo que a realidade seja algo intangível, multifacetada, existe uma interação com o externo e as percepções internas nada mais representam que fenômenos idealizados em diálogo com a realidade compartilhada.

Duas correntes de ideias predominam o cenário sobre o fenômeno, a saber: (i) que o agente quando identificado como transexual, sentindo-se portador de uma inversão mental (corpo-mente) demanda as especializações, técnicas que atendam às exigências subjetivas, realizadas por um sexo imaginado. Portanto, o agente apresenta uma queixa de desconforto e será amparado por diagnóstico para se alinhar à realidade subjetiva; e, (ii) o fenômeno é um produto de especializações que reforçam a ideia de um saber sobre o corpo e emprestam aos indivíduos efeminados e/ou masculinizados, a partir da incógnita sobre a homossexualidade, um sintoma discursivo que contribui para o enviesamento da percepção de si. Portanto, as certezas que condicionam os agentes são ordens legítimas, algo concebido, imagético - uma representação institucionalizada, uma regra estabelecida - agindo sob a

vigência de uma regularidade que precisa ser ainda melhor compreendida. Imbricadas nas ações subjetivamente visadas, essa anti-homossexualidade, captada pela repetição dos costumes, no caso da transexualidade fica visível pela motivação de ordem negativa, atendendo aos interesses dos agentes como que mandamentos identificados, como que vivenciando um corpo errado. Uma ordem externa, seja vinculada à costumes, interesses ou normas, opera por máximas imperativas sobre a percepção, que adere aos modelos ideais como que uma obrigatoriedade a esses padrões informados. Os elementos externos constituem laço com a experiência negada, pois, o agente é informado/a da negatividade do desejo e, provavelmente, incorpora um sentido de desençaixe, fabricando uma ação subjetivamente visada, pautada racionalmente a um fim - almejando “extirpar” os sofrimentos refletidos através da construção cirúrgica do sexo ideado. São realidades coletivas que se ancoram na biologia e, essencialmente, na religião, que atravessam o interindividual, criando um diálogo negativo de si. É por meio desse movimento antagônico que o indivíduo cria um saber do que se deve fazer para se solidificar na vigência moral transversal, informando-o da negação positiva. E a reflexividade tomada pela racionalidade funcional do tecido social, segrega os desviantes pela arquitetada necessidade de completude comunitária que será alcançada se forem identificados no seio do fenómeno.

Este trabalho não se pretende esgotar ou trazer respostas sobre qualquer coisa conclusiva, entretanto, oferece algumas ideias para inquirir as certezas, refletir as dúvidas, e indagar se não estaríamos diante de uma patologia social. Um sintoma no seio da degradação das relações pessoais, em que não há certezas, e perante as incertezas, o escape se dá pelo viés do corpo na contradição de ser o corpo o encaixe do tecido social. Como apregoam Morin & Kem (2003), em Terra-Pátria:

A degradação das relações pessoais, a solidão, a perda das certezas ligada à incapacidade de assumir a incerteza, tudo isso alimenta um mal subjetivo cada vez mais difundido. Como esse mal das almas se oculta em nossas cavernas interiores, como ele se fixa de forma psicossomática em insónias, dificuldades respiratórias, úlceras de estômago, desassossegos, não se percebe sua dimensão civilizacional coletiva e vai-se consultar o médico, o psicoterapeuta, o guru.

Tirésias teve a possibilidade de voltar ao corpo original, mas muitos são os casos em que a idealização do corpo aprisiona o indivíduo

a uma carcaça que não se completa pela cirurgia radical, e suas marcas constituem tramas mais angustiantes, ao ponto até de buscarem o suicídio como solução. Devemos nos perguntar se o recurso preconizado ao fenômeno transexual o completa de fato e quais são as querelas internas que levariam alguns a suicidar-se (casos de transexuais readequadas que cometeram suicídio chamam a atenção). Estaria no corpo o (des)encaixe idealizado, imaginado, apreendido na esfera social? (BURÉGIO, 2015).

Podemos perceber, a partir do explorado, que a identidade travesti - de certa forma rejeitada - é a figura fluida que não constrói aprisionamentos valorativos sobre o sexo, mas, sim, uma vivência de potência exploradora, de positividade do corpo. A categoria travesti relaciona-se com os dois sexos - o sexo pela imagem marcada por acessórios e adereços, e o sexo informado pelo biológico - estão em relação com a sexualidade menos presas às artimanhas da trama social. Em contraponto, a transexualidade está marcada pela rejeição do corpo, independente se o sexo ou as formas “exigidas” ao corpo, estão diretamente vinculadas aos estereótipos idealizados pelos comportamentos sociais. Esta pesquisa precisa ainda aprofundar muito bem seu problema sobre as dominações a que os agentes são capturados inconscientemente pela vigência social; se em virtude da tradição, porque assim sempre foi; se em virtude da relação afetiva, especialmente os emocionalmente vinculados a tal ou qual sexo; se em virtude racional referente a valores, porque na esfera do tecido social, seja pelo genuíno desejo de pertencer a outro sexo, buscam fins. Examinar essa dominação “de homens sobre os homens” e da sublimação de um sexo, pode cooperar para conjeturarmos sobre a incidência política que intermediam as relações comunitárias, valorando os sentidos e transformando a esfera política social. As políticas vislumbradas como imperativos de conquistas, podem servir de modelos e atravessar algo que seja da ordem simplesmente existencial, fragmentada entre o tempo que se levanta a questão, mas não encerrada no tempo e espaço da realização; é só *a posteriori*, no por vir, que a reflexão fará algum sentido. A cirurgia encerra a fluidez identitária. A pesquisadora ainda pretende aprofundar essas questões, respondendo ao tema: Quais os limites da performatividade do corpo: até onde o gênero pode ser construído?

A questão para Tirésias não implica valores: se em detrimento de um, o outro goza mais. Não está em ser macho ou fêmea o contragolpe, mas centrado na dúvida operada sobre os sexos que prevalecem aos marcos sociais imaginários, homem ou mulher. A dúvida do outro sempre

irá perpetrar. Camille Paglia<sup>28</sup> levanta um questionamento sobre a insignificância do saber sobre si, e concentra sua ambiguidade nas marcas do mercado cultural. Não seria uma moda captada pela falta de sentidos, provocada pelo enviesamento da homossexualidade, convocando o corpo a dar sentido à angústia que o sexo outro contraporía? Responder à dúvida da diferença sexual não dará conta do assunto. Assim como Hera castigou Tírésias pela resposta, preferindo permanecer com a dúvida, não há saber sobre o corpo que o corpo já não o tenha sabido. O pedido pela cirurgia pode ser capturado, mas a cirurgia sobre o pedido precisa ser ainda muito bem explorada e percebida para além do corte.

---

<sup>28</sup> Trecho da entrevista concedida por Paglia à Folha de S. Paulo:” Quando era mais nova, esse termo não existia. Mas estava muito claro que eu era muito inibida em relação ao meu gênero biológico desde sempre. “[...]” Eu me sentia alienada em ser uma menina. “[...]” Eu estou muito preocupada com essa tendência cirúrgica para mudança do corpo. Isso está por toda parte nos EUA. Dizem que a criança nasceu no corpo errado e já começam com hormônios até chegar à intervenção cirúrgica. Se essa ideia estivesse no ar quando eu era jovem, eu teria me tornado obcecada com isso. Eu teria sido convencida de que essa seria a resposta para todos os meus problemas com a sociedade contemporânea e sua rigidez sexual. “[...]”. Transformar o corpo cirurgicamente é uma ilusão (MENA, 2015).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho compreende-se como uma trajetória de reflexão inacabada, pois é preciso aprofundar os diálogos criados entre a materialidade do corpo e a dimensão da subjetividade nos processos de construção da identidade, coagentes na conformação das orientações de sentido da transexualidade. Esta conexão ou enredo que faz o corpo social.

O papel do cientista social demanda levantar perguntas que, como Max Weber poderia sustentar, se criam em base a valores que atravessam o tecido social. Assim, as indagações sobre a transexualidade, que nos fez refletir sobre as fronteiras do espaço do corpo e as interpretações de sentido, emergem de demandas contemporâneas por procurar compreender alguns fragmentos dessa conexão. Tramas existenciais são o foco da psicologia, mas a sociologia deve compreender os sintomas que na atualidade se transformam em demandas coletivas pelo viés da emoção, preenchendo a subjetividade e fornecendo sentido às angústias que atravessam as incertezas.

Vimos que a questão da transexualidade pode estar motivada por questões valorativas ligadas ao estigma da homossexualidade. Percebemos, também, que hoje surgem diagnósticos médicos pautados pela queixa referente a manifestações da transexualidade apresentadas em indivíduos cada vez mais jovens. O corpo mais uma vez parece um texto a ser supostamente decifrado e manipulado pela intervenção da medicina e suas novas tecnologias. Assim, a construção das identidades transexuais é fortemente conectada às institucionalizadas e seus discursos, da medicina e das classificações sobre as sexualidades num sistema de ordenação que determina um modelo de “natureza humana”. Nessa trilha das institucionalidades argumentamos, ainda, que transexuais transformam-se em verdadeiros agentes de reivindicações de políticas públicas como forma de conserto via redesignação sexual. Ou seja, a construção das identidades se entrelaça fortemente com as dimensões institucionais.

A vida é um *devoir* contínuo, não há parada confortável que diga quando chegamos ao ponto final da angústia. Ou seja, decisões assertivas podem aprisionar corpos, seja por responsabilidade do desejante, seja por responsabilidade daquele que detém um saber e o legítima. Afinal, a questão da transexualidade carece de maiores entendimentos. Assim como Freud (1933, p.41), na metáfora do cristal, levantava que o trabalho da psicanálise é entender os fragmentos, pois, cada qual tem que ser olhado individualmente e cuidadosamente:

Se atiramos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal” (FREUD, 1933).

O papel da sociologia é o de compreender os fragmentos, como possibilidades de sentidos atribuídos pelos agentes em contexto de relações históricas singulares. Obtemos versões que são significativas na sua singularidade, mas sempre serão parciais. Assim, concordamos com Max Weber sobre quais são as possibilidades do conhecimento científico. Como também concordamos com esse autor de que se é verdade que o caminho da ciência é trilhado pela razão, também não se faz ciência sem paixão.

O desejo deste trabalho foi o de identificar os sentidos da emoção que investe o agente implicado na ideia de transformação corporal. A transexualidade deve ser colocada sob dúvidas porque são muitas as incertezas que a perpassam: incerteza de uma identificação genuína; incerteza sobre o grau de influência das informações trazidas pelo laço social; incerteza com relação à medicina que delegou uma solução para a insatisfação quanto à diferença sexual. Se faz necessário muito diálogo, pois tal diagnóstico opera no corpo consequências sem retorno, como vimos nos casos da (des) transição. O corpo não retoma o estágio anterior. Tirésias não é castigado pela incisão, é por saber dos dois sexos; compartilhando com os humanos ele revela a possibilidade de fluir mas, quando exterioriza, retorna cego. Hoje, a novidade está em aceitar os discursos sobre um saber de si cada vez mais precoce, como se houvesse de nascença um novo sinal “biológico”: o da transexualidade. Como se soubéssemos ou tivéssemos qualquer certeza sobre quem somos, do que gostamos, o que queremos; como se dominássemos os desígnios do tempo e pudéssemos controlar tudo, inclusive o corpo. Acaso isto fosse possível, mesmo assim o corpo precisaria dar seu aval, e não teríamos sequer incertezas, pois, tudo funcionaria muito bem no conforto do saber identitário.

## GLOSSÁRIO

**AIDS** sf sing e pl, MED [usado também com letras minúsculas] Deficiência do sistema imunológico humano que foi adquirida pelo ato sexual, por transfusão de sangue contaminado ou pelo uso compartilhado de seringa para o consumo de drogas; sida, síndrome da deficiência imunológica adquirida, síndrome da imunodeficiência adquirida. (MICHAELIS, 2018).

**BICHA** - adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros. Substantivo masculino e feminino [Pejorativo] Designação atribuída ao homossexual do sexo masculino. Adjetivo [Pejorativo] Relativo ao homossexual do sexo masculino. (FERREIRA, 1999).

**CISGÊNERO** abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. (JESUS, 2012).

**GÊNERO** classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo. (JESUS, 2012.)

**HIV** é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da aids, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos T CD4+. E é alterando o DNA dessa célula que o HIV faz cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção (BRASIL, 2018).

**HOMEM TRANSEXUAL** é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem. (JESUS; 2012.)

**IDENTIDADE DE GÊNERO** é o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais. (JESUS, 2012.)

**INTERSEXUAIS** pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não

desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas. (JESUS; 2012.)

**IST** as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas. (BRASIL, 2018).

**LGBT** acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTTT, incluindo as pessoas transgênero/queer. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTTQI, incluindo pessoas queer e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais e Assexuados). (JESUS; 2012.).

**MULHER TRANSEXUAL** é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher. (JESUS, 2012).

**PHALLÓS** do grego *phallós*, «falo», pelo latim *phallu-*, «idem» - representação do pênis em ereção como símbolo de fecundidade. (*falo* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-12-01 20:06:22]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/falo>)  
Conforme a psicanalista e historiadora Elisabeth Roudinesco (1998) para a psicanálise a palavra recebeu outra simbologia, sobretudo pela ótica de LACAN: se “a palavra estava diretamente vinculada para “designar o órgão masculino” [...] “reservada ao membro real, a palavra falo, derivada do latim, designa esse órgão mais no sentido simbólico, ao passo que denominamos de itifálico (do grego *ithus*, reto) o culto do falo como símbolo do órgão masculino em ereção.” [...] “Na história da psicanálise, foi em nome de um culto biológico e sexológico do órgão masculino que se desenvolveram todas as psicoterapias de tipo orgástico. O termo falo, portanto, só muito raramente foi empregado por Sigmund Freud, a

propósito do fetichismo ou da renegação, e muitas vezes como sinônimo de pênis.” (ROUDINESCO, PLON, 1998)

**SEXO** é a classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais. (JESUS, 2012.)

**SHARIA** é um termo árabe que significa "caminho", mas, que historicamente, dentro da religião islâmica, tem sido continuamente empregado para se referir ao conjunto de leis da fé, compreendida pelo Alcorão, a Suna (obra que narra a vida do profeta Maomé), além de sistemas de direito árabe mais antigos, tradições paralelas, e trabalho de estudiosos muçulmanos ao longo dos primeiros séculos do Islã. Em outras palavras, a Sharia é um sistema detalhado de leis religiosas desenvolvido por estudiosos muçulmanos e ainda em vigor entre os fundamentalistas hoje. [...] A Sharia procura descrever em detalhes todos os possíveis atos humanos, dividindo-os em "permitido" (halal) e "proibido" (haram). Em seguida, os mesmos atos humanos são classificados ainda em vários graus de bom ou mau, como obrigatório, recomendável, neutro, censurável ou proibido. Essa vasta coleção de regras regula todas as questões da vida devocional, adoração, pureza ritual, casamento e herança, infrações penais, comércio e conduta pessoal. (SANTIAGO, 2018.).

**TRANSEXUAIS** pessoas que sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem corrigir isso adequando seu corpo ao seu estado psíquico. Isso pode se dar de várias formas, desde tratamentos hormonais até procedimentos cirúrgicos. (JESUS, 2012.)

**TRANSFORMISTAS** é o termo mais antigo, usado no Brasil para tratá-los, é o de artistas transformistas. Drag queens/king são transformistas vivenciam a inversão do gênero como espetáculo, não como identidade. (JESUS, 2012.)

**TRANSGÊNEROS** conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. (JESUS, 2012.)

**TRAVESTIS** as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero. (JESUS, 2012.).

**VEADO** [Brasil] Designação pejorativa, preconceituosa e depreciativa para se referir aos homossexuais do sexo masculino. (FERREIRA, 1999.)

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso de. A homossexualidade e alguns dos seus problemas. **Rev Port Clin Geral**, v. 20, p.373-383, 2004.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRANS E INTERSEXUAIS – ILGA. **Maps - Sexual orientation laws**, 2017a. Disponível em: <<https://ilga.org/maps-sexual-orientation-laws>> Acesso em: 09 nov 2018.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRANS E INTERSEXUAIS – ILGA. **Ilga world** [site]. 2017b. Disponível em: <<https://ilga.org/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – ANTRA. **Mapa dos assassinatos**. Disponível em <<https://antrabrazil.org/mapadosassassinatos/>>. Acesso em: 16 nov 2018.

ASSOCIATION FOR PSYCHOLOGICAL SCIENCE. **Transgender kids show consistent gender identity across measures**. 2015. Disponível em <<https://medicalxpress.com/news/2015-01-transgender-kids-gender-identity.html>> Acesso em: 10 Nov 2018.

BARBA, Pan Montserrat. **O que é feminismo?** [site]. Universidade Livre Feminista, 2014. Disponível em: <[https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/10/O-que-%C3%A9-feminismo\\_Montserrat-Barba-Pan.pdf](https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/10/O-que-%C3%A9-feminismo_Montserrat-Barba-Pan.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BLANC, Cláudio. **Uma Breve História do Sexo**. Gaia, 2010.

BRASIL. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRASIL. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais/MS. **O que é HIV**. 2018. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano Integrado de ENFRENTAMENTO da FEMINIZAÇÃO da Epidemia de Aids e outras DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano\\_feminizacao\\_final.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_feminizacao_final.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS 675 (de 30 de março de 2006)**. Aprova Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, que consolida os direitos e deveres do exercício da cidadania na saúde em todo o País. Disponível em: <[http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/CIB/LEGIS/PortGMMS\\_675\\_30marco\\_2006\\_carta\\_dos\\_direitos.pdf](http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/CIB/LEGIS/PortGMMS_675_30marco_2006_carta_dos_direitos.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013**. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html)> Acesso em 20 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Plano Integrado de ENFRENTAMENTO da FEMINIZAÇÃO da Epidemia de Aids e outras DST: Versão revisada**. 2009. Disponível em: <[https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/plano\\_integrado\\_enfrentamento\\_feminizacao\\_aids.pdf](https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/plano_integrado_enfrentamento_feminizacao_aids.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2002.

BURÉGIO, Fátima. **Tragédia silenciosa**: Pesquisa revela a epidemia de suicídios entre transgêneros. Estudos mostram repetidamente que as pessoas “transgêneros”, que buscam tratamento hormonal e cirurgias para se tornar do sexo oposto, tornam se, na verdade, segundo pesquisas da Fundação Americana para a Prevenção do Suicídio e do Instituto Williams, pessoas infelizes e não realizadas. Jus Brasil. 2015. Disponível em: <<https://ftimaburegio.jusbrasil.com.br/noticias/250747967/tragedia-silenciosa-pesquisa-revela-a-epidemia-de-suicidios-entre-transgeneros>> Acesso em: 20 nov. 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Cholsamaj Fundacion, 2007.

CARNEIRO, Neri de Paula. Identidade e diferenças: para uma antropologia do eu e do outro. **Rev. Brasileira de Ciência da Amazonia**. v. 2, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/rolimdemoura/article/view/806/0>>. Acesso: 20 nov. 2018.

CARVALHO, M.; CARRARA, S. Em direito a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sex., Salud Soc.** Rio de Janeiro, n.14, ago., 2013.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77-111. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000200005>>. Acesso em: 07 maio 2018.

CASTEL, Pierre-Henri. **La métamorphose impensable. Essai sur le transsexualisme et l'identité personnelle**. Paris: Gallimard, 2003.  
COULTHART Ross (repórter); JACKSON, Steve; BERKERY, Eliza (produtores). **60 Minutes Australia: Who am I?** [gravação de vídeo]. Publicado em 10 de set de 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vqSdcvIz4VI>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CBC NEWS. David Reimer: **The boy who lived as a girl** [gravação de vídeo]. 2002. Documentário completo publicado em 17 Jul de 2015. Disponível em <<http://gloria.tv/video/6YYfRrdgMmmhARjvezB2AXwrA>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CONHECIMENTO CIENTÍFICO. Novas descobertas sobre o cérebro podem alterar os rumos da ciência. **Revista Online Conhecimento Científico**. R7. 2015. Disponível em <<https://conhecimentocientifico.r7.com/descobertas-sobre-o-cerebro/>> Acesso em 30 Set. 2018.

CORDÁS, Táki Athanássios; WEINBERG, Cybelle. Santas anoréxicas na história do Ocidente: o caso de Santa Maria Madalena de Pazzi. **Rev.**

**Bras. Psiquiatr.** v. 24 n. 3, São Paulo set. 2002 Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462002000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000300011)>. Acesso em: 02 ago 2018.

CORRÊA, Mariza. **“Não se nasce Homem”**. 2004. Disponível em <[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/942\\_926\\_naosenascehomem.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/942_926_naosenascehomem.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ELLIS, Havelock. **Psicologia Do Sexo**. Bruguera, 1971.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas: Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 3, n. 04, 27 nov. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. [CD-ROM] versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática; 1999.

FERREIRA, Sónia Alexandra Castro Rocha Dantas. **A influência da pertença grupal no tratamento de informação social**. Universidade do Porto, 2000.

FORASTIERI, Valter. Orientações sexuais, evolução e genética. **Candombá**, v2, n1, 2006. Disponível em <<http://revistas.unijorge.edu.br/candomba/2006-v2n1/pdfs/ValterForastieri2006v2n1.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. Espaço, saber e poder. **Revista OnLine Punkto**, 08 abr 2015. Disponível em <[https://www.revistapunkto.com/2015/04/espaco-saber-e-poder-michel-foucault\\_88.html](https://www.revistapunkto.com/2015/04/espaco-saber-e-poder-michel-foucault_88.html)> Acesso em: 16 de nov de 2018.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, Sigmund. **Inibições, sintomas e angústia**, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1926.

GOMES, Maria Soledad E. O. **Empregabilidade nos tempos de reestruturação e flexibilização**: trajetórias de trabalho e narrativas de exempregados do setor elétrico brasileiro. Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2002.

GONZÁLEZ, Félix H. D. **Introdução a Endocrinologia Reprodutiva Veterinária**. Porto Alegre: Laboratório de Bioquímica Clínica Animal, 2002.

GRANT, Carolina. Bioética e Transexualidade: para além da patologização, uma questão de identidade de gênero. In: **XIX Encontro Nacional do CONPEDI**, 2010, Fortaleza. Anais... do XIX Encontro Nacional do CONPEDI. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2010, p. 842-858.

HAMEDANI, Ali. “Gays sofrem pressão para mudar de sexo e escapar da pena de morte no Irã”. **BBC Persa**, 2014. Disponível em <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141105\\_ira\\_gays\\_hb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141105_ira_gays_hb)>. Acesso em 11 nov. 2018.

HAUSMAN, Bernice L. **Changer le sexe**: transsexualisme, technologie et idée du genre, 1994.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 15. ed. São Paulo: Vozes, 1986.

HENRIQUE, Diógenes. Ser homossexual pode ser apenas parcialmente devido à genética. **Socientífica**. 2017. Disponível em <<http://socientifica.com.br/2017/01/ser-homossexual-pode-ser- apenas-parcialmente-devido-genetica/>>. Acesso em: 10 nov 2018.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 11. ed. Rio de Janeiro: Hemus, 1931.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro 17: o avesso da psicanálise, 1969-1970. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LUCON, Neto. História Trans no Brasil. **Nlucon**, 2012. Disponível em <<https://nlucon.com/2012/01/29/historia-trans-no-brasil/>> Acesso em: 11 nov 2018.

MAYA, Acyr. O que os analistas pensam sobre a homossexualidade? **Psyche**. Sao Paulo, v.11, n.21, dez. 2007.

MARÉS, Chico, et. al. **Erros e acertos de Jair Bolsonaro no Jornal Nacional e no Jornal das 10**. Lupa – Folha de São Paulo. 28 ago. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/28/jair-bolsonaro-tv-globo/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MENA, Fernanda. Mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem, diz Camille Paglia. **Folha digital**. Edição de 24/04/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1619320-nao-publicar-entrevista-camille-paglia-fronteiras-do-pensamento.shtml>>. Acesso em 21 nov. 2018.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 2018. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à "ideologia de gênero" - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 07, n. 15, 2016, p. 590-621. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=350947688019>>. Acesso em 19 de nov de 2018.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

MORETTO, Julia. TIIC: a doença que faz o paciente querer amputar os membros. **Jornal Ciência**. 2015. Disponível em: <<http://www.jornalciencia.com/tiic-a-doenca-que-faz-o-paciente-querer-amputar-os-membros/>> Acesso em: 25 out 2018.

MORIN, Edgar. **O método**: I A natureza da natureza. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais Investigações em Psicologia Social**. 5. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

MOTT, Luiz; MICHELS, Eduardo; PAULINHO. **Mortes violentas de LGBT no Brasil**: relatório 2017. Grupo Gay da Bahia. GGB, 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

NASCIMENTO; AIRES, 2013 - NASCIMENTO, Gerson Gomes do Nascimento; AIRES, Jussara Danielle Martins. O sentido da objetividade do conhecimento nas ciências sociais para Max Weber. **CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, ano 7, ed. 15, jan./abr. 2013. Disponível em <<https://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/view/2260>> Acesso em 29 nov 2018.

NASCIMENTO, Victor. O que é e porque você precisa entender mais sobre passabilidade: "Ainda hoje é comum ouvir: nossa, mas ninguém nunca diria que você é trans". **BuzzFeed**, 2017. Disponível em <<https://www.buzzfeed.com/victornascimento/o-que-e-passabilidade-e-porque-as-pessoas-precisam-saber-mai>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

NAPHY, William. **Born to be Gay**: História da Homossexualidade. Edições 70, 2006.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM. 1999

NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim; CABRAL, Euclides Afonso (Orgs). **A carne mais barata do mercado: dos assassinatos a violação de direitos humanos da população trans no Brasil**. Observatório Trans, Uberlândia (MG). 2018. Disponível em <<https://wzukusers.storage.googleapis.com/user-31335485/documents/5a4bd0e51c26cuBf611F/Dossie2018.pdf>> Acesso em: 08 ago 2018.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Garamond; 2008. 256 p.

PAIVA, Pedro Henrique Azevedo da Silva. Arco-íris no campo: etnografia da “homossexualidade” masculina no ambiente rural. **Revista Cadernos de gênero e diversidade**, v. 1, 2015.

PEDRO, Joana Maria; MENDES, Suyanne Machado. A construção da identidade travesti no Brasil no século XX, uma análise. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia-MG, v. 30, n. 2, Jul./Dez. 2017.

RAMSEY, Gerald. **Transexuais: perguntas e respostas**. Edicoes GLS, 1998.

REDE TV. **Jovem decide 'voltar a ser homem' após cortar pênis e virar transexual**. Entrevista ao programa SuperPop [gravação de vídeo]. Publicado em 19 de jun de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sSgCHfTPcTY&t=15s>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

REIS, Bia. Cirurgia foi realizada na Unicamp: recebe alta 1º a mudar de sexo no país. **Folha da Tarde**, São Paulo, 1998. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff15049817.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

RIBEIRO, Leonídio. Ciência homossexualismo e endrocrinologia. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam**. São Paulo, v.13, n.3, Set. 2010.

RIZZATO, Bruno. Cientistas fazem orelha crescer nas costas de rato e querem usar o procedimento em humanos daqui 5 anos. **Jornal Ciencia**,

2013. Disponível em: <<http://www.jornalciencia.com/cientistas-fazem-orelha-crescer-nas-costas-de-rato-e-querem-usar-o-procedimento-em-humanos-daqui-5-anos/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

RODRIGUES, Humberto. **O Amor Entre Iguais**. Mythos, 2004.

ROSSI, Amanda. ‘**Monstro, prostituta, bichinha**’: como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão”. BBC News Brasil. São Paulo, 2018. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43561187>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTIAGO, Emerson. **Sharia**. Online Infoescola, 2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/islamismo/sharia/>>. Acesso: 02/12/18.

SANTOS, Daniel Kerry dos. As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. **Rev. Epos**. Rio de Janeiro, v.4, n.1, jun., 2013.

SCHECHTER, Luis Menasché. **A Vida e o Legado de Alan Turing para a Ciência**. [Seminários Apresentados na UFRJ e no IMPA]. UFRJ: Departamento de Ciência da Computação, 2016. Disponível em: <<http://www.dcc.ufrj.br/~luisms/turing/Seminarios.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SILVA, Jeane Torres da; BARBOSA, Ierecê dos Santos; SOUZA, José Camilo Ramos de. Neurociência cognitiva e habilidades de gênero: uma análise do desempenho cognitivo de estudantes brasileiros avaliados no pisa. **Rev. ARETÉ**, Manaus, v.8, n.15, p.11-25, Número especial, 2015.

SIMÕES, Júlio A.; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. Coleção História do Povo Brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SENKEVICS, Adriano. As armadilhas do “lugar de fala” na política contemporânea. **Ensaio de Gênero**. 2017. Disponível em

<<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2017/01/12/as-armadilhas-do-lugar-de-fala-na-politica-contemporanea/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SENKEVIVS, Adriano Souza; POLIDORO, Juliano Zequini. Ensaio. **Revista da Biologia**, n.9, p. 16-21, 2012.

SOARES, Wellington. **Conheça o "kit gay" vetado pelo governo federal em 2011**. Nova escola, 2015. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>> Acesso em 13 Out 2018.

SOUSA, J Francisco Saraiva de. Cérebro e Dimorfismo Sexual. **NeuroFilosofia**, 2008. Disponível em <<http://cyberself-neurofilosofia.blogspot.com/2008/05/crebro-e-dimorfismo-sexual.html>>. Acesso em 16 nov. 2018.

SOUSA, Luana Neres de. **A pederastia em Atenas no período clássico** [manuscrito]: relendo as obras de Platão e Aristófanes. 2008, 113f.

TIBURI, Márcia. **O Mito do sexo**. Café filosófico. [gravação de vídeo]. Gravado no dia 31 mar 2006. Disponível em <<https://vimeo.com/71103337>>. Acesso em: 17 set 2018.

VARELLA, Drauzio. **Nas duas últimas décadas, acumulamos evidências científicas suficientes para afirmar que a homossexualidade está longe de ser mera questão de escolha pessoal ou estilo de vida**. Drauzio, 2015, rev. 2018. Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/homossexualidade-dna-e-a-ignorancia/>> Acesso em; 22 nov. 2018.

VELLUDO, Natália Benincasa; SOUZA, Débora de Hollanda. A Criação de Amigos Imaginários: uma revisão de literatura. **Psico**, vol. 46, n. 1, 2015, p. 25-37.

VERAS, Elias Ferreira; GUASCH, Oscar. A invenção do estigma travesti no brasil (1970-1980). **história, histórias**. Brasília, vol. 1, n. 5, 2015.

VÍCTORA, Ligia Gomes. Corpo real, corpo simbólico, corpo imaginário, **Correio APPOA**, n. 253, 2016. Disponível em

<[http://www.apoa.com.br/correio/edicao/253/corpo\\_real\\_corpo\\_simbolico\\_corpo\\_imaginario/295](http://www.apoa.com.br/correio/edicao/253/corpo_real_corpo_simbolico_corpo_imaginario/295)>. Acesso em: 20 nov. 2018.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. Adequação de sexo do transexual: aspectos psicológicos, médicos e jurídicos. **Psicologia Teoria e Prática**. São Paulo: Mackenzie, v. 2, n. 2, 2000. Disponível em <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1113>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

VRISSIMTZIS, Nikos A. **Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2002.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. UNB, Brasília, vo. 1, 2015.

WEBER, Max. **A ciência como vocação**. Lusofona, 2005.



## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Gostaria de convidá-lo/a para participar desta pesquisa na condição de colaborador/a. Este estudo é realizado pela graduanda em ciências sociais da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Kelly Vieira Meira .

Tenho como questão de estudo as experiências de pessoas que vivenciam o fenômeno da transexualidade na região Sul do Brasil, mapeando também, suas trajetórias no que diz respeito às políticas públicas vigentes. Gostaríamos de ouvi-lo/a falar sobre sua experiência e sua compreensão sobre as políticas voltadas para essa população.

Por meio deste Termo, ficam acordados os seguintes pontos:

Sua participação se dará por meio de um encontro para realização da entrevista em local e horário mais adequado para sua participação (ou mais, caso julgue necessário em meus contatos iniciais e você concorde).

A(s) participação(ões) nesse(s) momento(s), ocorrida(s) em caráter voluntário, será(ão) gravada(s) e transcrita(s), mediante sua autorização. É possível interromper a gravação sempre que você assim desejar.

Você terá todas as garantias quanto ao anonimato, sigilo e confidencialidade dos dados, conforme os padrões éticos de pesquisa em ciências humanas.

Seu nome não será citado em momento algum e quaisquer informações que possam levar à sua identificação serão alteradas para fins de análise e uso dos dados coletados.

As informações coletadas na (s) entrevista (s) realizada(s) serão utilizadas com fins estritamente de pesquisa, podendo ser utilizadas para possíveis publicações (resguardando o sigilo e o anonimato), ficando isentos de ônus de qualquer espécie o pesquisador e o/a entrevistado/a.

Esta ação tem por objetivo compreender a promoção dos direitos humanos e da cidadania de pessoas que vivenciam o fenômeno da transexualidade, uma maior compreensão acerca do recorte da diferença sexual e de vivência das homossexualidades em nossa sociedade.

Assinam abaixo:

o/a participante, consentindo o uso das informações concedidas na forma prevista neste termo;

a pesquisadora, colocando-se ciente de sua participação.

Este termo é elaborado em duas vias, ficando uma de posse da/o entrevistada/o, outra de posse da pesquisadora.

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ .

---

**PARTICIPANTE**

---

**PESQUISADORA**

Contatos: KELLY VIEIRA MEIRA (kellyvieirameira@gmail.com) 48-98486-6163

## **APÊNDICE B - PROJETO NO FENÔMENO TRANSEXUAL O QUE (SE) FAZ (COM) O CORPO NO TECIDO SOCIAL**

### **Roteiro de Orientação**

Dados pessoais:

Idade:

Nacionalidade/Estado:  
nascimento:

Município de

Orientação sexual-afetiva:  
de gênero:

Identidade

Escolaridade:  
Conjugalidade atual:

Religião (de origem):

Rel. praticada atualmente:

Você exerce/exercia alguma profissão? Em que área?

**A entrevista, do tipo aberta, terá como propósito abordar os seguintes eixos temáticos:**

-Trajetória de vida e cotidiano familiar de origem

-O fenômeno transexual (como conheceu o significado, cotidiano, características do desejo, perfil do objeto sexual; comportamento e atitudes)

-A relação com os familiares; redes de sociabilidade e apoio.

-A busca pelos atendimentos especializados; avaliação a respeito do acolhimento e atendimento recebido.

-Representações e noções a respeito da transexualidade e a sociedade.

-Perspectivas para o futuro

**Algumas perguntas norteadoras:**

1 Você se entende como homossexual?

2 Como você se percebe?

3 O que você sente sobre a sociedade?